

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MOTORA**

**A CULTURA DO LAZER FÍSICO ESPORTIVO COMO
RESULTADO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O
CASO DO COLÉGIO ESTADUAL "CULTO À CIÊNCIA" DE
CAMPINAS**

SÉRGIO STUCCHI

SÉRGIO STUCCHI

A CULTURA DO LAZER FÍSICO ESPORTIVO COMO
RESULTADO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O
CASO DO COLÉGIO ESTADUAL “CULTO À CIÊNCIA” DE
CAMPINAS

Tese de Doutorado
apresentada à Faculdade de
Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas

Orientador: Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal

CAMPINAS - SÃO PAULO

1999

200003749

UNIDADE	Be
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	St 93c
V.	Ex.
TOMBO BC	40512
PROC.	278/00
C	☐
D	☒
PREÇO	\$ 11,00
DATA	15/03/00
N.º CPD	

CM-00139095-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF UNICAMP

St93c Stucchi, Sérgio
 A cultura do lazer físico esportivo como resultado
 da disciplina Educação Física escolar: o caso do Colégio
 Estadual "Culto à Ciência" de Campinas / Sérgio Stucchi.
 Campinas, SP : [s.n.], 1999.

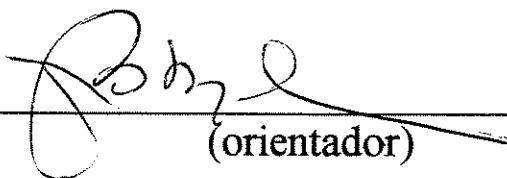
Orientador: João Batista Andreotti Gomes Tojal
 Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
 Faculdade de Educação Física.

1. Educação Física. 2. Escola. 3. Esportes. 4. Lazer. I.
 Tojal, João Batista Andreotti Gomes. II. Universidade
 Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
 III. Título

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Sérgio Stucchi e aprovada pela Comissão Julgadora em 15 de dezembro de 1999.

Data: 26 de janeiro de 1999.

Assinatura: _____


(orientador)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I.....	15
Considerações sobre o Lazer.....	15
1. O Lazer e seus conteúdos.....	15
2. O Conteúdo Cultural Físico Esportivo.....	27
CAPÍTULO II	34
A Instituição Escolar.....	34
1.A Escola e sua função	34
2.A Disciplina Educação Física Escolar.....	43
CAPÍTULO III.....	63
Procedimentos Metodológicos.....	63
Fase Exploratória do estudo.....	64
1ª fase.....	64
2ª fase.....	75
Coleta de dados.....	75
Gráfico1.....	76
Gráfico2.....	76
Gráfico3.....	77
Gráfico4.....	77
Gráfico 5.....	78
Gráfico 6.....	78
Gráfico 7.....	79
Gráfico 8.....	79
Gráfico 9.....	80

Gráfico 10.....	80
Gráfico 11.....	81
Gráfico 12.....	81
Gráfico 13.....	82
Gráfico 14.....	82
Gráfico 15.....	83
Gráfico 16.....	83
3ª fase.....	84
Análise dos dados.....	84
Algumas considerações.....	86
CONCLUSÃO.....	87
ANEXO.....	91
BIBLIOGRAFIA.....	94

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma,
aprenderam a sentir **alegria** naquilo que fazem
independente da obtenção do sucesso aparente.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer manifestação devo agradecer a DEUS por me garantir as capacidades de perceber os fatos, me emocionar e mostrar, através deste trabalho, a essência de uma experiência, conseguindo vencer todos os obstáculos em respeito a natureza dada aos homens por ELE.

À minha esposa Daise e meus filhos Pedro e Luiz que sempre estiveram próximos de minhas angustias e necessidades, realizações e alegrias, entendendo as razões de me ausentar dos muitos momentos de convívio na busca do cumprimento dos rituais do trabalho.

Ao meu pai como personagem desta história e grande incentivador como professor, amigo e cúmplice dos fatos geradores desse desafio em desvendar a história real de uma vida cheia de bons momentos dentro de seu trabalho importante e de muitos frutos.

Ao meu orientador e amigo João Tojal, pela enorme paciência com que me conduziu neste intrincado caminho de docência e pesquisa, sempre com bons ouvidos e boas falas coerentes, didáticas e motivadoras.

Aos meus colegas de departamento de Estudos do Lazer, por me permitir adentrar este mundo e poder vivenciar suas incertezas e alegrias.

Aos professores amigos Roberto Rodrigues Paes e Antônio Carlos Bramante, pelas vezes que me auxiliaram na elaboração desta dissertação com seus apontamentos muito claros e diretos, na grandeza das pessoas que são e leveza de seus tratos pessoais.

RESUMO

Uma observação informal sobre o comportamento de determinadas pessoas em ambientes de prática esportiva de lazer levou em consideração a existência de fortes componentes educacionais trazidos de suas vivências anteriores em seu processo de formação. A faixa etária dessas pessoas indica que o período escolar de vivências e de aquisição de comportamento para tais atitudes foi por volta do final da década de cinquenta e início da década de sessenta e que também são oriundas de uma mesma instituição escolar, o Colégio Estadual “Culto à Ciência” da cidade de Campinas. A escola, mais do que a família na ocasião, era responsável por influenciar comportamentos. Levantamentos retirados da observação indicaram que a disciplina Educação Física Escolar, naquele período, era desenvolvida respeitando os padrões e preceitos da época relacionados à metodologia e às necessidades culturais vigentes. Tudo era novidade: as atividades escolares sempre traziam experiências novas aos alunos; atividades físicas formativas e recreativas; o conhecimento dos alunos daquele período se dava através dos conteúdos da disciplina, porque era através desse conteúdo que se adquiriam novos elementos para a prática física; práticas esportivas que hoje podem ser denominadas de lazer, por acontecerem nos períodos de tempo livre do trabalho, antes eram práticas recreativas de formação corporal com forte preocupação com o físico. Atualmente, em virtude do desenvolvimento industrial, com as novas relações trabalho/tempo-livre e considerando os conteúdos culturais do lazer e da Educação Física com suas práticas recreativas, encontra-se especificamente no conteúdo físico esportivo do lazer, grande importância de significados no contexto sócio cultural. O professor, naquela época, apesar de ter consciência do significado das práticas desenvolvidas, como algo além do desenvolvimento físico corporal, não se utilizava de propostas de lazer. O estudo quer comprovar esta afirmativa, buscando levar as escolas de formação de profissionais da área, atualmente, a ficarem atentas ao significado do contexto trabalho/tempo-livre. Como metodologia foi utilizado um Estudo de Caso, especificamente quanto à disciplina Educação Física utilizada no Colégio em questão. Uma entrevista semi estruturada com um ex-aluno do universo observado norteou a elaboração de um questionário de múltipla escolha utilizado na coleta de dados para a comprovação das hipóteses. Chegou-se à

conclusão que a Cultura do Lazer Físico-Esportivo, observado nessa população, é resultado das vivências no conteúdo da disciplina Educação Física Escolar do Colégio “Culto à Ciência” de Campinas. O resultado deste trabalho tem como produto a comprovação da necessidade de se reforçar na disciplina Educação Física Escolar, das escolas públicas de ensino fundamental e médio, os objetivos que são voltados a preparar seus alunos para que saibam como preencher seu tempo livre no futuro, principalmente como proteção às condições de melhor saúde e qualidade de vida.

Termos-chave: Educação Física, Escola, Esporte e Lazer

Abstract

An informal observation of the behavior of certain people, in the environment for the practice of sports as leisure, took into consideration the existence of strong educational components brought from previous experiences in their growing process. The average age of these people indicates that the acquisition of such behaviors occurred during the school period, by the end of the fifties and early sixties, and that they all come from the same institution, i.e. Colégio Estadual "Culto à Ciência" in Campinas. During that period the school, more than the family, was responsible for influencing behaviors. Data raised through the observation, indicate that the Physical Education School Practice, in those days, was developed according to the standards and precepts related to methodology and cultural necessities existing at that time. Everything was new: the school activities always brought new experiences to the students; shaping and recreational physical activities; the students' knowledge was given through the contents of the discipline, since it was through this content that new elements were acquired for the physical practice; these sports practices that can be called nowadays leisure practices, since they take place during free time, were before recreational body shaping practices very much concerned with the body. Nowadays because of the industrial development, with the work/free-time relations, and considering the cultural contents of leisure and of Physical Education with its recreational practices, there is great amount of meanings in the social-cultural context specifically in the sports as leisure content. The teacher, at that time, would not apply recreational proposals in spite of his consciousness of the meaning of the physical practice as something beyond body physical development. This study means to demonstrate this statement by making the schools, graduating new professionals in this area, aware of the meaning of the work/free-time context. The methodology applied was the Study of Case specifically related to the Physical Education discipline in the school mentioned above. A semi-structured interview with a former student of the observed universe, launched a multiple choice questionnaire for the data collecting to corroborate the hypothesis. The conclusion is that the Culture of Sport practice as Leisure, observed in this population, is the result of their previous experience during physical Education classes while in High School at Colégio Estadual "Culto à

Ciência” in Campinas. The result of this research is the corroboration of the need of reinforcing, in the physical education practice during primary and high schools in public schools, the objectives that are preparing their students so that they learn how to fill their free time in the future and moreover so that they get better health and quality of life.

Key words: School, Physical Education, Leisure and Sports.

INTRODUÇÃO

Ao observar pessoas em atividades físicas, praticando esportes de um modo em geral, sejam em jogos individuais ou em grupo, notamos que estes sujeitos se utilizam do tempo e das atividades com conteúdos que foram adquiridos através de alguma experiência social vivenciada nas instituições que foram então responsáveis pela transmissão desses conhecimentos que hora são traduzidos pelas práticas observadas.

Este tipo de atitude expressado na prática corporal e esportiva é hoje desenvolvido em nossa sociedade de forma massificada, sob a responsabilidade de algumas organizações sociais que podemos apontar como a mídia, a família e a escola. Observamos durante o desenvolvimento deste núcleo, práticas adquiridas no convívio familiar, como as experiências transmitidas de pai para filho, nas diversas fases da vida das pessoas, e que também podem ocorrer num processo educativo oficial de ensino nas escolas, com seus currículos que contêm disciplinas que objetivam oferecer o domínio do movimento.

Atualmente, também devemos reconhecer a influência dos meios de comunicação que mostram muitas formas de atividades: desde o “espetáculo” profissional que passa pelas atividades físicas em diferentes ambientes, dos mais regulamentados aos mais livres e selvagens, mostrando atividades que têm harmonia com a natureza, proporcionando a mútua convivência; até as atividades desenvolvidas num ambiente urbano, supostamente simples, todas praticadas em um “tempo livre” do cotidiano.

Um dos mais eficazes itens de motivação, responsável pela prática de atividade física, é o grupo de amigos formado a partir do trabalho, da escola e dos pontos de encontros. Pessoas que trazem de suas diferentes formações diferentes vivências práticas que são logo absorvidas pelos outros membros.

Algumas atividades físicas são reconhecidas e identificadas como sendo dessa influência sócio-cultural: crescer se movimentando através do jogar, brincar, andar, correr, do praticar esportes considerados em suas múltiplas dimensões enquanto fenômeno social, dentro de uma ordem crescente de valores, como esporte educativo, de lazer, esporte de rendimento, de espetáculo e profissional.

Todas essas formas de prática são reconhecidas, mas o principal motivo deste estudo é o Esporte de Lazer.

O “esporte de lazer” está presente nas várias maneiras de se praticar esporte, muitas vezes, passando despercebido ou usado de maneira funcionalista, como uma ferramenta para se alcançar outros objetivos.

Reconhecemos todos esses mecanismos de promoção das práticas físicas e sabemos de muitos trabalhos realizados na tentativa de se estabelecer, de forma científica, seu verdadeiro significado. Mas será que a prática esportiva de lazer tem sido interpretada, pelos seus observadores, como um conteúdo físico relacionado com a atitude na prática do lazer dentro de um tempo programado para ele?

A necessidade de se identificar o lazer como uma das dimensões de práticas físicas, e também como componente cultural, nos leva a entender que tal procedimento deve ser de grande responsabilidade da escola. Ela é que pode reconhecer a cultura do lazer físico esportivo, traduzido pelas práticas utilizadas nos momentos de tempo livre, como resultado do conhecimento adquirido nas aulas de Educação Física, através das vivências das diferentes modalidades de movimento corporal.

Ao observarmos pessoas freqüentando ambientes de práticas físicas, como clubes associativos, academias de ginástica, praças públicas e nas ruas, utilizando-se do esporte, podemos notar alguns aspectos: - os praticantes mostram uma opção pessoal de escolha pela modalidade praticada; - e as atividades escolhidas são utilizadas sempre com muito prazer.

Os ambientes de prática de exercício físico que, de um modo geral, há bem pouco tempo, se mostravam vazios, hoje se encontram repletos de praticantes.

Ao questionarmos as pessoas sobre a razão da prática escolhida constatamos que os comportamentos de envolvimento físico têm relação com as instituições freqüentadas na fase escolar, recebendo influência da família, dos amigos e da mídia. A disciplina Educação Física praticada na escola de formação básica denominada Colégio Estadual “Culto à Ciência”, sediado na cidade de Campinas (SP), vem confirmar as conclusões do trabalho desenvolvido por Ribeiro (1997), intitulado “A influência dos Agentes Sociais

nos Interesses Físicos Esportivos do Lazer”, que aborda o modo como a família, o trabalho, a escola e a rua interferem nas práticas físicas esportivas do tempo livre.

Sempre que nos aproximamos desse grupo observado, em clubes da cidade, nas praças públicas ou na rua, percebemos algumas características que as reúnem: são pessoas da mesma época de escolaridade; apresentam idade entre quarenta e cinquenta anos; e, ao perguntarmos sobre suas práticas físicas, estas sempre se reportam com mais ênfase aos conteúdos vivenciados na escola que freqüentaram na época de sua formação escolar no Colégio “Culto à Ciência”.

Ao refletir sobre essa realidade e relacionando a atividade física a um contexto social atual, consideramos relevante desenvolver o presente estudo centrado nas relações existentes entre o programa da disciplina Educação Física Escolar do Colégio “Culto à Ciência” de Campinas e o Conteúdo Físico Esportivo do Lazer.

Apesar de considerar a Escola Formal como principal agente de desenvolvimento de uma cultura física, a “informalidade” também poderá ser observada como uma espécie de “concorrência” no desenvolvimento dessa cultura física das práticas do lazer. O processo educativo dessas vivências na escola, através da disciplina Educação Física, concorre com outras atividades no campo do lazer, que surgiram por intermédio de mecanismos oriundos de interesses voltados para o lucro, em função de um mercado de atividades físicas que chamam a atenção das pessoas.

Este fato mostra a necessidade do estabelecimento de relações acadêmicas entre a escola, os meios de comunicação de massa e outros agentes que interferem no desenvolvimento dessa cultura de práticas de lazer que, muitas vezes, tem o poder de influenciar com muito mais eficácia as práticas físicas esportivas de lazer para a população.

Ao destacar essas influências, parece-nos que o interesse no Lazer Esportivo, como conteúdo cultural, deve ser de maior responsabilidade da Escola Formal em sua essência educativa. No entanto, essa ação educativa não tem atingido as pessoas, ficando o seu verdadeiro sentido cada vez mais distante da população. Em outras palavras, como a escola não privilegia o lazer esportivo outras opções acabam sendo oferecidas em ambiente sócio esportivo não formal, cujo acesso só é permitido pelo maior poder aquisitivo.

Também verificamos a inexistência de trabalhos de parcerias entre instituições de ensino públicas e privadas, universidades e prefeituras, no sentido de fomentar a prática de atividades físicas como lazer, favorecendo o que se denomina “Desenvolvimento de Políticas Públicas” para o suprimento de atividades, suprimindo a falta de oportunidades de práticas nos ambientes públicos e também nos espaços ociosos das escolas.

A relevância deste estudo se dá pelo detalhamento das relações entre a sociedade, a escola, o esporte e o lazer, e, também, por ser um trabalho que tem origem numa instituição de ensino superior de dimensão pública, a Universidade Estadual de Campinas, que se propõe não só a criticar, mas evidenciar a necessidade de uma política pública através de suas instituições internas de estudos específicos do lazer, onde a prática esportiva é objeto de estudos e pode colaborar no processo de deflagração de ações na comunidade.

Os estudos do lazer, estruturados em linhas de pesquisa que contemplam os conteúdos culturais em suas inter-relações com a sociedade, considera a escola junto com a família, o trabalho e a rua, um dos agentes responsáveis pelo oferecimento e veículo de cultura, através de políticas e diretrizes de ação que, da forma como propõem a problemática em questão, envolvem os elementos necessários para transformar a problemática que se apresentam no seio da sociedade.

Na Educação Física, como disciplina escolar e também como área de estudos independentes, a compreensão do significado de “movimento humano” passa por diversas tentativas de entendimento.

Colaborando na elucidação para o uso desses termos, utilizaremos duas abordagens. Primeiro uma visão fisiológica e concreta, de Rasch & Burke (1977, p.17):

A teoria neuroergométrica sustenta que o receptor e os sistemas motores estão ligados por mecanismos de repetição de espaço e tempo. Estes são multidimensionais. O movimento se origina na postura, transporte, manipulação e movimentos de fibrilação, cada um controlado por suas próprias

repetições sensoriais. O cérebro coordena e regula estas repetições. O aprendizado se baseia, desta forma, na integração das relações anatômicas e fisiológicas dos sistemas aferentes e eferentes do cérebro.

E uma outra abordagem, com sentido mais humanístico, de Freire (1989, p.84), que vem mais ao encontro do significado da prática corporal que este estudo se propõe a estabelecer, considerando indispensável o movimento para a educação como componente da escola:

Sem risco de incorrermos em erro, poderíamos falar em educação corporal como um dos objetivos a serem atingidos pela Educação Física.

Pode-se falar também em educação do movimento. Não vejo como se possa contrariar tal afirmação. Sem duvida, o homem pode apresentar movimentos cada vez mais bem coordenados, e isso é passível de conseguir tanto pelas necessidades impostas pelo meio como por uma educação sistemática, orientada na escola.

O mesmo autor ainda aprofunda sua análise deste processo de desenvolvimento, passando pela ocorrência de propostas de educação pelo movimento, dado que, no seu entender, “...a Educação Física não é apenas educação do ou pelo movimento: é educação de corpo inteiro, entendendo-se, por isso, um corpo em relação com outros corpos e objetos, no espaço”. (Freire, 1989, p. 84)

Há também uma outra denominação para o movimento das pessoas, que se aproxima com mais propriedade das ações que podemos ver e interpretar, como sendo momentos de lazer fora da escola e da disciplina “Educação Física Escolar”: é a

“Kinantropologia”, que através de Cagigal (1974, p.21), fica entendida como uma ciência aplicada a um...

processo ou sistema de ajuda ao indivíduo a desenvolver adequadamente seu potencial e suas possibilidades de relacionamento, com especial referência a sua capacidade física de movimento e expressão.

Nas diversas experiências que pudemos vivenciar, nas quais o objetivo era estimular a participação das pessoas em atividades físicas, tanto no ensino formal quanto fora dele, deflagrava-se como fator marcante as expressões de movimentos que traduziam as sensações corporais propiciadas pelas atividades.

Observar o movimento do outro, sentir seu próprio movimento, a partir de vivências proporcionadas com a intenção de promover uma interação motora interpessoal e de buscar o domínio do corpo nos limites de cada indivíduo sempre foram aspectos fundamentais para que o movimento corporal se mostrasse com prazer, enfatizando assim uma forte relação com a essência do lazer.

Além dessa abordagem, a motivação para a realização deste estudo aumenta quando se ouve dos sujeitos que muitas situações vivenciadas e aprendidas nos conteúdos das aulas de Educação Física, na fase de aprendizagem no colégio, hoje servem de elementos para a atividade física da qual se utilizam nos momentos de lazer.

Este estudo também pretende traduzir algumas expressões verbais dos seus personagens sobre o momento de prática de suas atividades tais como: “faço minhas atividades esportivas no tempo livre”, “faço por lazer”, “pratico nas horas vagas”, “quando estou desocupado”, “quando não tenho nada para fazer”, e que são manifestações que mostram atitudes e denotam valores trazidos de um processo educativo formal mas não de forma inconsciente.

Para compreensão dessas expressões, buscamos fundamentação em Dumazedier (1979, p.92), em sua “Querela de Definições”, um de seus clássicos intitulado *Sociologia Empírica do Lazer*, em que se distingue:

...quatro períodos de lazer: o lazer do fim do dia, o do fim de semana (week-end), o do fim do ano (férias) e o do fim da vida (aposentadoria); e que por ocasião desses períodos, o lazer concerne a um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: lazer físico, prático, artístico, intelectual e social dentro dos limites do condicionamento econômico social, político e cultural de cada sociedade.

Esse conceito dá sustentação à interpretação das observações realizadas ao delimitar as ações dos sujeitos como subordinadas a um tempo cronológico que se relaciona com o espaço urbano, envolvendo a escola, o trabalho e as demais instituições por onde as pessoas passam. Na idade em que se considera, como princípio ético e moral, o tempo da escola dentro de uma sociedade civilizada pode ser entendido como o tempo de trabalho.

Podemos considerar como sendo interessante o fato de grande parte das pessoas observadas serem ex-alunos da mesma instituição escolar — o Colégio Estadual “Culto à Ciência”, uma escola da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo fundada em 1868, na qual estudaram no período entre 1955 e 1965. Atribuo este fato ao tamanho físico da cidade de Campinas onde mesmo com as proporções geográficas que apresenta, ainda se pode encontrar lugares de práticas comuns aos seus habitantes, além de uma população oriunda de uma estrutura social de comportamento provinciano.

A época em que estas pessoas passaram por esta escola coincidiu com o início da industrialização da região de Campinas, ou seja, por volta de 1956, segundo Baeninger (1996, p.41). Os alunos cursavam o “ginásio”, equivalente ao Ensino Fundamental e o “científico e clássico”, atualmente Ensino Médio. Como alunos do “Culto à Ciência”, durante as décadas de cinquenta e sessenta, receberam conhecimentos desta Escola, e, principalmente, da disciplina Educação Física que ali vivenciaram. Segundo suas próprias

considerações, em conversas realizadas informalmente, esses conhecimentos foram fundamentais para o desenvolvimento de suas profissões, tanto quanto as práticas esportivas da Educação Física tiveram grande importância para os momentos de lazer.

Desta forma, é possível estabelecer, como hipótese a ser comprovada, as relações existentes entre as atividades dadas nas aulas de Educação Física daquela época, que se transformaram numa cultura esportiva, e as atividades aplicadas em seus momentos de lazer. Isto pode demonstrar que esse conhecimento deva ser adquirido ao longo do processo educativo escolar.

Um outro elemento que vem reforçar esta mesma hipótese é que, nos anos cinquenta, o tempo fora da escola e fora do trabalho, vivenciado na sociedade urbana da época, apresentava uma dinâmica característica que era a liberdade para o “estar” e para o “ir e vir” nas ruas e nos demais locais públicos. Havia uma liberdade social urbana que permitia uma relação com as práticas corporais, diferente do que acontece atualmente.

Apesar dessa liberdade, os conteúdos culturais da escola, parece-nos, eram assimilados com muito mais curiosidade, respeito e necessidade, pois a escola era vista como um local de grandes experiências e descobertas. Assim a atividade física desenvolvida na disciplina escolar, naquela época, tinha muita importância, com vistas àquele tempo e espaço urbano liberados, o que parece-nos que, atualmente, seja menos importante.

A expressão *Tempo Liberado* é considerada por Dumazedier (1979) como uma categoria dos tempos cronológicos na dinâmica social. Diz respeito ao período de envolvimento institucional do trabalho, da família e da religião. Caracterizam-se como os horários existentes fora das instituições, liberado do trabalho, das reuniões familiares e religiosas.

Constata-se, hoje, através dos estudos do significado do lazer para uma sociedade globalizada, que o fato dos componentes tempo, espaço e conteúdos aparecerem como itens de valorização da qualidade de vida voltados para o tempo do não-trabalho acabam por exigir que as diferentes possibilidades de utilização deste tempo, do espaço e dos conteúdos devam ser disponibilizadas de maneira democrática à sociedade. Assim, é

coerente pensar que o esporte pode ser um dos conteúdos culturais de significado importante para a referida qualidade de vida.

A disciplina Educação Física Escolar, em sua evolução histórica, ganhando novos significados relativos ao movimento corporal e à sociedade, saindo do adestramento do corpo para o combate, até chegar à consciência corporal e social das práticas físicas do lazer, deverá seguir seu processo — buscar uma constante atualização de objetivos, acompanhando as novas tendências da relação trabalho e não-trabalho para que possa oferecer também a possibilidade de uma prática corporal que atenda tanto o rendimento atlético e orgânico quanto a busca do prazer, da satisfação de suas ansiedades emocionais e espirituais. Esta é uma questão que desencadeia outros questionamentos no ambiente da disciplina e das práticas sociais.

Especificamente, na área do movimento corporal, o ser humano é levado a mostrar um aspecto de seu todo, chamado de “rendimento” em graus positivos ou negativos. Essa dimensão tem sua relativa importância no alcance de metas para as quais somos sempre orientados, o que torna importante fazer algumas considerações com relação ao significado de rendimento. Para que este conceito fique melhor estabelecido, relacionando a disciplina Educação Física ao conteúdo físico esportivo e ao lazer, utilizamos da taxionomia que nos coloca Bento (1989, p.13) nos objetivos do “movimento desportivo”:

- Numa visão “sócio-cultural” referente ao trabalho corporal, este movimento visa modificar a personalidade dos sujeitos, em favor da busca de maiores recursos para um auto-reconhecimento;

- Numa visão “político-educativa”, é traduzido como as possibilidades de uma forma de representatividade das pessoas nos eventos, em que notadamente o interesse de “poder” aparece no movimento corporal como mais um veículo de ideologia;

- No aspecto “científico” das ações motoras o movimento é analisado a partir de suas modificações que ocorrem no organismo humano frente aos obstáculos encontrados na natureza. Na tentativa de, cada vez mais, se estabelecer um equilíbrio perfeito no meio ambiente, o homem busca superar esses obstáculos;

- .- No aspecto “ético-moral” do movimento, a atenção é para uma harmonia de gestos individuais e coletivos, considerando o sujeito em movimento, mas não como

objeto e instrumento de alguma proposta isolada, e sim como sujeito da ação que mostra sua totalidade existencial, como parte componente de um todo social, com extremo respeito aos limites das outras partes do todo;

- Quanto ao aspecto “antropológico”, o movimento é visto de forma individual, sendo subordinado às normas e padrões sociais de uma cultura. Seu registro deverá apresentar dados que mostrarão evoluções e características de uma coletividade.

- Apesar destas constatações, todos os movimentos deverão ser treinados. Quanto à “Metodologia do Treinamento do Movimento”, segundo Bento:

O rendimento constitui a grandeza norteadora do objetivo do treino; todas as atividades se orientam nesse sentido. Desse modo, o rendimento desportivo em determinado ponto da competição constitui o critério decisivo da estruturação e do sucesso do treino. Os conteúdos do treino devem, pois, serem sempre direcionados para formar e mostrar a capacidade e disponibilidade do atleta para o rendimento.
(Bento 1989, p. 13)

Nessa visão, podemos observar o movimento humano, individual e coletivo, ultrapassando o vínculo com o rendimento apenas físico e mecânico, chegando a atingir elementos que também mostram caminhos que levariam o sujeito ao campo do Lazer, como complemento do contexto cultural, porém, ainda com uma certa margem de entendimentos que mostram formas de abordagens indiretas para tal, como o exemplo de atividades que são anunciadas para um outro determinado objetivo, e que, na verdade, estão no campo do lazer.

Ainda neste ponto, Cagigal (1974, p.53), afirma que:

A atividade educacional tem tripla projeção: fazer o aluno viver a vida que se idealizou, enquanto estiver sendo educado; criar

aquela estrutura de vida em hábitos de comportamento para o futuro; incutir no aluno a convicção de que tais hábitos são os corretos.

Se qualquer um desses três componentes estiver faltando, a educação será incompleta. O desenvolvimento de hábitos com consciência crítica e incutidos no comportamento dos sujeitos, através do ambiente educacional, poderá garantir opções diversificadas que servirão de elementos integrantes de uma realidade individual e social a serem utilizadas nos períodos de tempo livre do futuro. A conexão direta com lazer deverá mostrar alternativas de ocupação do tempo que se configurará no futuro, independente da relação de trabalho ao qual o sujeito estará ligado, o que será de suma importância na realização da plenitude pessoal e social.

Assim, utilizando-nos do trabalho de Sérgio (1982, p.64) que reforça o movimento esportivo como algo prazeroso, quando menciona que: “*O homem realiza-se quando em si tem lugar a fusão entre o impulso interno, com sua liberdade, e a prática política com suas exigências; quando o indivíduo e o social se confundem e coincidem*”, será possível analisar os depoimentos dos ex-alunos do Colégio “Culto à Ciência” de Campinas a favor de uma política esportiva consciente e revestida de valores culturais, sociais e recreativos no âmbito do lazer

Para que as situações de lazer sejam alcançadas, e para que sua prática seja uma realidade, entendemos que o sujeito deva ser levado a buscar sempre satisfação e valorizar os conteúdos das práticas de lazer, principalmente o conteúdo esportivo, como elemento de uma política de relações que o projetaria individual e coletivamente.

Desvios podem ocorrer na aquisição dessa valorização do lazer no processo educacional, e podem aparecer de várias formas. Quando o instrumental utilizado nas aulas de Educação Física Escolar se restringe apenas ao domínio do movimento, isolado do raciocínio e das emoções, pode ocorrer uma falha na aquisição do sentido do lazer, decorrente da falta de habilidades físicas dos próprios sujeitos. Pode haver uma falta de domínio motor, que é natural para muitos, e desmotivá-los a praticar movimentos corporais. Há também a falta de estímulos como resultado de dinâmicas mal elaboradas

SEÇÃO CIRCULANTE

pelo agente cultural, na pessoa do professor de Educação Física, com excesso ou escassez de solicitação motora, produto de um descompromisso da linha pedagógica da escola para com o domínio motor como um elemento importante para os conteúdos culturais do lazer.

Certamente, a condição de fusão entre impulso interno e liberdade, propalada por Sérgio (1982), considerando os desequilíbrios nessas condições, não se efetivaria, tornando assim falho o ato educativo do qual é resultado. Portanto, a ação educativa deve constar de um processo bem estruturado que proporcione o oferecimento dos conteúdos culturais, responsáveis pelo estabelecimento das práticas sociais, e isso deve incluir os valores do lazer.

A prática da disciplina, como área de conhecimento da Educação Física, tem como tradição o trabalho voltado para os aspectos do rendimento físico. Não podemos ficar apenas como espectadores sem atentarmos para os diferentes graus de rendimentos, como os existentes nos conteúdos do lazer, que vão além do físico, para o campo das emoções, das intuições e da criatividade. Tais envolvimento também têm importância nas questões da atual sobrevivência urbana, tanto quanto as exigências educativas das necessidades éticas e de cidadania.

Pautado nas observações de Sérgio (1982), buscar-se-á verificar o equilíbrio do homem com a natureza, mas é preciso, acima de tudo, haver muito mais equilíbrio entre alma e corpo, natureza e sociedade, patrimônio cultural passado e presente, fazendo surgir um todo universal que a utilização do lazer físico esportivo, seguramente, poderá oferecer em colaboração com os outros conhecimentos.

Para facilitar o entendimento global do processo de ensino e aprendizagem dos valores do lazer é necessário que se esclareça alguns termos e conceitos aqui utilizados, garantindo assim a compreensão de seu significado:

- “Lazer” e “Conteúdo Físico Esportivo” serão comentados no capítulo I deste trabalho. Como o aspecto principal do estudo é o lazer, esclarecemos que alguns autores consideram o lazer e seus conteúdos, e também o que se entende por conteúdo cultural físico esportivo, visando, assim, possibilitar ao leitor um melhor entendimento sobre a temática;

- As questões sobre as grandes instituições “Escola” e “Educação Física”, estão no capítulo II, na qual buscamos delinear o papel da escola na sociedade e como se dava o desenvolvimento de sua função no universo da comunidade e que estava inserida. A forma como esses itens aparecem deverá mostrar uma ordem na compreensão das idéias para o leitor;

- Por fim, o capítulo III apresenta a metodologia utilizada no levantamento e reconhecimento dos dados relativos ao universo estudado, além dos objetivos do trabalho.

Assim, considerando o lazer, a escola e o esporte, com seus verdadeiros significados e diferentes manifestações, como valiosos componentes construtivos de uma sociedade civilizada, relacionados à atuação dos sujeitos, nos mais diversos ambientes, estes devem ganhar harmonia plena de relações, razão pela qual, no ensino escolar, o lazer esportivo deve ser abordado, visando incorporá-lo à cultura como “gosto” e como “valor”.

Entendemos também, que esta proposta deverá, através de uma metodologia de estudo de caso, indicada no capítulo III, buscar elementos que confirmem que a escola, no caso o Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, conseguiu ser o “locus” possível de se criar uma cultura sócio esportiva. Que os sujeitos envolvidos neste estudo possam estar utilizando-se do conhecimento recebido nesta escola e reconhecendo as vantagens da prática de atividades físicas no preenchimento de seu momentos de tempo livre, obtendo, assim, melhores condições para a qualidade de vida.

Neste mesmo capítulo são demonstrados os instrumentos de coleta de dados para a pesquisa, representando elementos de grande importância para o levantamento de uma realidade vivida. Foi feita uma entrevista semi estruturada com um ex-aluno do colégio em questão. Das respostas dadas nessa entrevista foi elaborado um questionário com quinze questões a ser aplicado nos ex-alunos, de forma mais abrangente, e uma entrevista com o professor responsável pela disciplina vivenciada na época, falando de seus procedimentos metodológicos e das relações acadêmicas com seus alunos.

Como conclusão, espera-se poder estar contribuindo para que a sociedade da Educação Física entenda que o lazer físico esportivo, como é entendido hoje, deva ser

fruto do trabalho desenvolvido no período de escolarização do indivíduo, através dos conteúdos oferecidos na disciplina Educação Física Escolar.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LAZER

1. O LAZER E SEUS CONTEÚDOS

A evolução do entendimento do significado do lazer, como atividades do tempo livre, passou por diferentes etapas ao longo dos tempos. Em épocas remotas, os envolvimento com os rituais do cotidiano, tanto o trabalho para a sobrevivência como o jogo e as festas, apresentavam o mesmo significado, pois faziam com que os homens se reunissem em torno de rituais que mostravam relações com estas diferentes atividades.

Já nas sociedades pré-industriais, o trabalho e o tempo livre obedeciam ritmos influenciados pelos ciclos naturais do dia e da noite, do clima quente e frio e das estações do ano. A necessidade de respeitar os diferentes momentos influenciados pela natureza também interferiu nas relações grupais, em função das necessidades de armazenamento de alimentos.

O conceito de tempo livre, em épocas anteriores, era diferente do que se observa hoje, principalmente, em função da evolução das intenções de produção dos bens que o homem passou a criar e valorizar para a sua sobrevivência.

Atualmente, o tempo livre e o tempo de trabalho apresentam uma gama enorme de relações e, assim, pode-se caracterizar de múltiplas formas o envolvimento das pessoas com o lazer e o labor. Conforme a previsão de antigos pensadores dessa relação, cada vez mais, o trabalho passaria a liberar o homem de seus afazeres obrigatórios. Juntamente com essa liberdade, e procurando atender à crescente diversidade de práticas sociais, o lazer vem ganhando um espaço cada vez maior diante dos novos envolvimento com a produção e para a sobrevivência.

Com a revolução industrial, o envolvimento do homem no sistema produtivo e de armazenamento de bens sofreu modificações que vieram interferir fortemente na maneira deste homem viver seu dia-a-dia. Além disto, um outro fator decisivo foi a formação das cidades com uma problemática urbanística que fez com que o homem passasse a conviver

num ambiente cada vez mais problemático, em função do aumento do número de pessoas no mesmo espaço, das distâncias entre residência e trabalho, da qualidade das relações sociais e outros fatores, inclusive a própria indústria de transformação.

Essa modificação na estrutura social acabou atraindo as pessoas a saírem do campo, estando assim acostumadas aos tempos naturais, passando a se subordinar aos tempos artificiais das fábricas e indústrias. Como parte dessa “revolução industrial”, com êxodo rural e a urbanização da sociedade, nasce dentro do tempo livre moderno o que é denominado Lazer, tal como o percebemos hoje, entendido como o tempo existente fora do trabalho produtivo.

Com o surgimento do lazer considerado no sentido da existência de um período de tempo desvinculado do trabalho para um sistema produtivo, no qual o homem se deixa levar por um estado de espírito em conjunto com alguns ‘conteúdos’ livremente escolhidos e iniciados, Dumazedier (1980, p.19) propõe uma caracterização das atividades com a intenção de facilitar a compreensão do envolvimento do homem com as maneiras de se utilizar do tempo livre. Ao referenciar este autor, torna-se importante citar sua influência nos estudos mundiais do lazer e, principalmente, de contribuição aos nossos estudiosos brasileiros que, em conjunto com o Serviço Social do Comércio, na década de setenta, contribuíram para o surgimento de estágios iniciais de estudos do tempo livre relativos à conjuntura sócio-cultural brasileira. Assim, para ele lazer foi inicialmente entendido como:

...um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais.

Essa dimensão do conceito de Lazer, apresentada por Dumazedier como um “conjunto de ocupações” desvinculadas das principais instituições sociais, permite interpretações das mais variadas com relação a seus conteúdos. Para esta proposta de estudo, uma vez que estamos interessados na prática esportiva como categoria de observação, o conteúdo físico esportivo do lazer fica destacado, em especial, dentre os já mencionados anteriormente por Dumazedier como parte de cinco outros objetivos das atividades que ele denomina de ‘interesses’ que as pessoas podem apresentar em seus momentos de tempo livre.

Na contribuição para uma maior relevância na construção do conhecimento no campo do lazer, posteriormente, Camargo (1986) em publicação intitulada “O que é lazer”, acrescentou o “turismo”, como conteúdo de relevante importância para os estudos do tempo livre, mostrando importância deste interesse como uma atividade fortemente relacionada aos tempos livres dentro da sociedade. O conteúdo turístico do lazer, pela sua potencialidade, trouxe mais subsídios para o aumento da compreensão do comportamento social no lazer. Este conteúdo indica um tempo utilizado nas viagens em busca de reconhecimento de lugares e de convivência social.

Para cumprir a intenção precípua deste estudo, consideramos que a “prática esportiva” relaciona-se com todos os conteúdos culturais do lazer indicados até aqui. Mesmo o turismo, entendido como o ato de utilizar as viagens, pode estabelecer relação com a prática esportiva, quando o objetivo “praticar esporte” está como primeiro plano de uma viagem, uma vez que o meio de se chegar ao local do evento também propicia mudança de paisagem, ritmo e observação de outros estilos de vida, condições que aparecem em decorrência do ato de viajar.

Requixa (1980, p.38) faz uma comparação interessante quando relaciona o lazer com o trabalho. O autor afirma que o tempo de obrigações dentro do trabalho sugere um constrangimento subordinado ao compromisso social que este lhe impõe, e, em contrapartida, as atividades que estão situadas no tempo livre devem revelar um estado de liberdade agradável desvinculada com as instituições.

O lazer, como trabalho, é também uma ocupação. Para o trabalho, entretanto,

prepondera o aspecto de obrigação, de constrangimento, principalmente de um constrangimento social; o individuo obedece a um tempo que lhe é imposto, realizando uma tarefa que lhe é determinada. Em uma situação de lazer, ao contrário, ele dispõe livremente de seu tempo, fazendo o que lhe agrada. O tempo de lazer é natural, subjetivo. O homem imerge nele e nele se deixa viver.

A atividade esportiva, entendida no contexto deste trabalho como conteúdo do lazer desvinculado de obrigatoriedade e, portanto, prática que se pode optar por fazer ou não, sugere a liberdade pela qual o autor se refere. Ele considera também que toda prática esportiva, quando obrigatória, apresentaria um outro significado, tornando-se inevitavelmente também um constrangimento, um trabalho.

Encontramos em Levy & Veil apud Requixa (1980, p.39-40), uma citação mostrando que...

A língua hebraica distingue “Avoda” e “Malakha”: trabalho escravo e trabalho criação, e este último termo tanto se aplica para o trabalho humano como a criação divina”. Se obedecermos a esta distinção, o trabalho estaria mais próximo do lazer, quanto mais se aproximasse de um tipo de trabalho-criação. Na língua portuguesa, disporíamos de distinção análoga entre os vocábulos “trabalho” e “obra”, entendida esta no sentido de criação de algo.

No sentido de reforçar a intenção deste estudo, a prática esportiva para ser considerada como conteúdo do lazer, na forma como deve ser tratada em seu princípio de

aprendizagem, deverá ser utilizada tendo sempre como elemento o aspecto lúdico, pois este valoriza o sentido do descompromisso alegre ao mesmo tempo que garante sua importância. Dessa forma, este processo certamente poderá propiciar muitas possibilidades de participação criativa e de desenvolvimento.

A prática esportiva como conteúdo de um tempo específico no dia-a-dia das pessoas, no contexto social com relação ao qual estamos desenvolvendo este estudo (realidade brasileira na atual conjuntura), denota uma *dimensão privilegiada de expressão humana, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo, enriquecida pelo seu potencial socializador* Bramante (1998, p.9). O autor descreve esta práxis, mostrando o lazer num sentido essencialmente humano de ser e estar, apresentando uma dimensão abstrata e uma outra concreta.

Perfeitamente adequado às necessidades de uma realidade observada na sociedade atual, o envolvimento na prática esportiva denota um privilégio de participação em comparação às muitas impossibilidades decorrentes de distúrbios sociais que, de alguma forma, podem vir a impedir essa participação. Esse autor se refere a uma participação altamente criativa e sociabilizante da prática esportiva no contexto do grupo. A atividade esportiva pode ser, ao mesmo tempo, atraente pela aventura dos movimentos corporais criativos para o sucesso das estratégias táticas da modalidade, e positiva para todo o grupo que se beneficia com as adaptações físicas, psicológicas e sociais.

Toda essa conjuntura de possibilidades de participação poderá educar o sujeito a optar por caminhos a serem trilhados. Trabalho, produção e mercado são palavras de ordem com muita força em seus vários significados que, por uma certa lógica, se ligam ao esporte muito mais pelo sentido do lucro financeiro e do sacrifício e apenas tangencia o sentido de lazer esportivo. É a contrapartida do labor produtivo. A existência do tempo que se percebe e se conquista fora do trabalho passa a ter um significado diferenciado do tempo gasto na produção de bens. O esporte produz satisfação pessoal, e isso deveria ter valor tão importante quanto o de produzir algo que se reverta em lucro financeiro.

Até agora, minha concepção de lazer vem se estabelecendo como sendo um estado de espírito alcançado pelos sujeitos na prática do conteúdo escolhido no tempo de lazer. Assim, verificamos na obra de Marcellino (1996, p.50) a existência de uma dimensão

denominada “duplo processo educativo”, em que as ações coordenadas e vivenciadas dentro de um processo de ensino e aprendizagem apresentam dois aspectos que vêm reforçar a idéia da prática esportiva no lazer, até aqui utilizada:

Praticamente todos os autores ligados aos estudos do lazer reconhecem esse duplo aspecto educativo. Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, que para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo - o lazer como veículo e como objeto de educação.

O esporte de lazer dentro de um processo educativo pode ser passível de constante recriação, de modo que a forma de participação deve ser adquirida através da aprendizagem e, posteriormente, reconhecida por todos. Pressupõe-se uma evolução dos valores da prática esportiva no tempo livre, quando a participação do sujeito é garantida por uma política de sustentação visando permitir a evolução dos níveis aos quais o autor se referiu.

Uma outra constatação na obra de Marcellino (1996, p.15) diz respeito à relação que o lazer tem com o trabalho, relação que, muitas vezes, interfere fortemente no estado de espírito do sujeito para a fruição do conteúdo do lazer no momento. E nessa visão, o esporte de lazer não é compatível com a outra dimensão de prática esportiva chamada de

esporte profissional. Um trabalho empobrecedor está ligado também a um lazer empobrecedor e vice-versa, devido às insatisfações, às opressões e à alienação.

O campo do lazer não se restringe apenas a momentos estanques de plena satisfação, e sim a um estado de consciência de que a vida é feita de bons e maus momentos, que devem ser buscados nas participações das atividades. Nessa participação, os bons momentos devem ser reforçados desde o início do processo educativo pelo ambiente que envolve o sujeito. As pessoas merecem passar por uma educação formal ou não formal na qual esta preocupação está presente. O significado do tempo de trabalho e do tempo livre têm importantes relações com a vida de todos para uma plenitude íntima. Nesta mesma dimensão, o esporte pode significar alegria e satisfação, mas pode também significar fracasso, desalento e decepção.

Ainda utilizando as idéias de Marcellino (1992, p.314), na compreensão dos significados dessa prática à qual nos referimos acima, ele nos fala de uma prática e sua “especificidade concreta” como sendo um componente da cultura que, em momento algum, pode ser analisado de forma isolada. Contudo, se visto isoladamente, praticado aqui ou ali, fica subentendido em sua “especificidade abstrata”, de forma que também pode ser interpretado e ligado às concepções “funcionalistas” compensatórias e reforçadoras de desigualdades sociais.

Na prática esportiva, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico que temos e reconhecemos, ainda podemos verificar muitas situações que reforçam as diferenças individuais, caracterizando um “todo inibidor” como algo grandioso e difícil de se atingir. Os “deuses” do esporte, exaltados pelos meios de comunicação de massa, na dimensão denominada esporte espetáculo, chegam até grande parte da sociedade, passando a exercer forte influência na criação de um certo estado superior.

Em contraposição a esta influência do esporte espetáculo e dos deuses do esporte, o lazer, segundo Marcellino, está numa dimensão em que:

...como a cultura – é compreendido em seu sentido mais amplo - vivenciado (praticado ou fruído) no ‘tempo disponível’. É fundamental, como traço definidor, o caráter

'desinteressado' dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Fica muito claro que todos os argumentos apresentados na tentativa de esclarecimento do conceito de lazer carregam junto um vínculo com o trabalho, pelo fato deste ganhar significado maior com o advento da industrialização e do lucro.

O status profissional referente aos diversos tipos de trabalho é uma posição muito valorizada pela sociedade. Ainda hoje se estabelece uma classificação de valores relativos à condição profissional das pessoas pelas atividades que exercem. Nas sociedades capitalistas, o indivíduo é visto e valorizado em diferentes graus, pela profissão que exerce, tanto que sua profissão torna-se, até, seu sobrenome. Como consequência disto, o gostar do trabalho muitas vezes não tem uma relação direta com a vocação da pessoa pelo que gostaria de fazer, pois é preferível um trabalho que gere lucro e reconhecimento social em detrimento de uma satisfação pessoal, o que muitas vezes ocorre no esporte, quando sua prática é exercida profissionalmente. Ocorre o sacrifício pela prática, modificando seu verdadeiro sentido e, até mesmo, apresentando diferentes graus de praticantes profissionais ligados ao espetáculo. O jogador profissional que tem a sorte de um bom momento no jogo, se torna um ídolo e é valorizado. O jogador que se mantém na média é pouco valorizado principalmente pela mídia, que exerce influência marcante na opinião pública e, conseqüentemente, no mercado.

Já no campo da prática do lazer, isso parece não acontecer, pois normalmente o indivíduo busca as atividades e realiza aquilo que o faz sentir prazer. Se isso não acontece, simplesmente muda de atividade até que possa sentir benefícios através do conteúdo escolhido e do ambiente de convivência. Estas duas situações ilustram as formas de se entender o significado da atitude frente ao trabalho e a atitude frente ao lazer no cotidiano atual.

Um fator muito importante diante dessa maneira de entendermos o lazer que podemos observar hoje é que o "tempo livre", relativo ao mundo do trabalho, vem aumentando em função do desenvolvimento tecnológico e do aumento da mão-de-obra de serviços, nos quais a rigidez dos horários acaba por tornar-se mais flexível, mostrando uma relação diferente do trabalho industrial, sendo um ponto favorável para o desenvolvimento da busca das atividades de Lazer.

Para mostrar as influências no aumento do "tempo livre", Marcondes (1980), com o respaldo de Requixa (1983), apresenta interessante quadro sobre a mudança energética, através do uso da força humana, dos animais e da máquina, a partir de 1600 até 1970, em benefício da liberação do homem das obrigações de trabalho.

Segundo este estudo, observa-se que, em 1600, na composição da força energética para o trabalho, o homem entrava com 18%, os animais com 82% e a máquina com 0%. Desta forma, os animais tinham uma participação grande na força de trabalho e o envolvimento do homem também era significativo. Já em 1700, segundo os autores, as porcentagens se alteraram respectivamente para 17% para o homem, 81% para os animais e 2% para as máquinas que passaram, então, a interferir nos períodos de trabalho e não-trabalho. Em 1800, eram 16%, 80% e 4%, respectivamente. Em 1900, na mesma ordem, já eram 10%, 52% e 38%. E em 1970, a mudança aparece drástica. A força humana entra com 2%, a força animal com 1% e a força da máquina com 97% de participação, liberando a mão-de-obra do homem de uma boa parcela de tempo na produção. (Marcondes, 1980). Atualizando estes estudos e projetando uma realidade para hoje, em função dos índices anteriores, para constataremos a influência da máquina, da tecnologia e da cibernética para a liberação do homem para com a trabalho, estes percentuais atingiriam as marcas de ; 5 % para o homem, 95 % para a máquina e 0 % para o animal.

Nota-se, claramente, que a participação da máquina e sua evolução vai ocupando o tempo do homem, diminuindo seu espaço de envolvimento na produção industrial, liberando-o para outras atividades também produtivas, possibilitando aumentar seu conhecimento intelectual e utilizar este tempo em atividades que lhe proporcionam o descanso, deixando-o mais feliz pelos divertimentos nas atividades livres e lhe mostrando experiências novas de crescimento pessoal.

De uma certa forma, entendemos esse processo como um “condicionamento” que a estrutura social nos impõe permitindo um ganho de “liberdade”. Cada vez mais o estar livre depende das relações do ser humano com a sociedade. Pablo Waichman nos fala de um *“homem que nasce e se desenvolve num âmbito social, cultural, econômico, político, etc. suas aprendizagens, sua construção como ser humano, não surgem do nada, mas desse contexto”*. (1997, p.80)

Este autor nos mostra que para a condição primordial do estado de espírito, requisito para o lazer, *“A obrigação é um condicionamento exterior da conduta (heterocondicionamento). A liberdade é um condicionamento interior (autocondicionamento)”*. E, este autor, se utilizando de Munné, 1980, (Waichman, 1997, p. 81), completa:

O homem é livre quando pode se autocondicionar e se autocondiciona, sua condição, a condição humana, é dialética, visto que consiste na contradição entre auto e heterocondicionamento; e a conduta é humana justamente pelo fato de ter de superar essa condição por meio da liberdade.

Assim, o ócio não implica liberdade, mas a possibilidade de ter acesso a ela. A indústria do ócio tenta permanentemente que nossa conduta, no tempo liberado de obrigações, mantenha seu caráter heterocondicionado e, portanto, não-livre. Todo ócio implica tanto obrigação quanto liberdade; um grau maior de liberdade (autocondicionamento) o tornará tempo livre.

Dentro dessa visão, Masi (1993), em interessante artigo, faz uma projeção sobre estas situações, dizendo que, de todas as conquistas do homem, o monopólio que lhe

sobrará será o das "atividades criativas" como mais uma ferramenta no combate às quatro escravidões do cotidiano da sociedade, ou seja, "a escassez, a tradição, o autoritarismo e o cansaço físico".

Recentemente, no 5º Congresso Mundial de Lazer, este mesmo autor apresentou uma situação um pouco diferente daquela que previa para os tempos sociais. Em razão da chamada "globalização", os caminhos e as atividades sociais de trabalho e tempo livre passaram a se mostrar dependentes de condições sociais extremamente especializadas. Segundo Masi (1998, p. 48), *...a par de consequências profundas econômica, social, política e cultural, a antiga crença de que as inovações tecnológicas, por si só, seriam suficientes para que a melhoria das condições materiais já não subsiste.*

E continua o autor:

...já não subsiste a idéia de que caminharíamos rumo a uma sociedade fluente ou a um "welfare state" generalizado. Quais as perspectivas para a humanidade neste início de milênio? Qual será o papel do estado e das instituições em face das desigualdades que a globalização poderá acentuar ainda mais? Como iremos trabalhar, morar e desfrutar de nosso tempo livre?

Estas questões sempre despertaram interessantes discussões que têm como um dos grandes marcos teóricos de discussão o conhecido manifesto de Paul Lafargue, no século passado e reeditado em 1983, "O direito à preguiça". Com a intenção de oferecer uma certa oposição às idéias de Karl Marx, Lafargue produziu um importante tratado que despertava um levantamento de interesses pela classe operária do final do século XIX, com relação ao tempo do não-trabalho. Nesta obra, o autor insinua a preguiça como mãe de todas as artes, enquanto que a ordem social até então reconhecida era de que o trabalho era a primeira necessidade do homem.

No nosso modo de ver, devemos estar sempre envolvidos com uma ação produtiva, tendo necessidade de desenvolver tarefas dentro de um ambiente administrado, organizado e controlado, tanto em nossa residência como no nosso ambiente de trabalho. O trabalho se traduz em produção de bens materiais como produto dessa estrutura. Nesta mesma ordem, também deve se observar o tempo livre, tempo em que não estamos produzindo nada, pois é neste momento que deveríamos ser capazes de refletir sobre as coisas importantes que nos diferenciam dos animais irracionais, e que está fora do instinto de sobrevivência. Como a exemplo de tudo que é considerado “supérfluo”, é que seu significado vem carregado de preconceitos, o qual considera o que é demais, inútil por excesso, desnecessário.

Para se viver em sociedade é necessário satisfazer essas necessidades, que, há muito tempo, sempre foi papel do processo educativo, conjugando sociedade e escola, na função de instrumentalizar os sujeitos. Todos somos educados pela estrutura na expectativa de que entremos nessa ciranda o mais rápido possível.

Nessa busca incessante de suprir necessidades, o indivíduo acaba tomando contato com o supérfluo que não gera lucro. Passa, então a perceber significados daquilo que não tem valor material, mas pode ser aprendido e usufruído com intensidade, desde que tenha desenvolvido sua consciência para que seu “estado de espírito” se torne propício a sentir e entender o significado daquela situação e daquele momento.

Este estado emocional de estar gostando daquilo é como entendemos o Lazer, que deveria ser cultuado, desenvolvido pela escola, e na disciplina Educação Física, relacionado e fortemente ligado ao conteúdo físico-esportivo das propostas de desenvolvimento físico-cognitivo-social. Sabemos do significado de muitas modalidades esportivas construídas ao longo de um processo sócio-cultural, iniciadas no ambiente formal e também fora dele, vindas de outros povos e adaptando-se ao brasileiro, e que, mostrando diferenças claras dentro de suas especificidades, acabam sendo bem aceitas por nós.

Isso poderá satisfazer as necessidades sociais dos sujeitos, que, através do processo educativo, aprenderão como se deve tirar o máximo prazer em estar naquela

situação, num primeiro momento, dentro da escola, em situação de aprendizagem e, depois, fora da escola, numa situação de lazer favorecida pela estrutura social.

A prática de lazer ligada ao campo do trabalho também é uma outra dimensão existente nas estruturas de administração do interesse do lazer. Hoje, reconhecemos a existência de equipes especializadas em organização do tempo livre, animadores culturais e recreacionistas, técnicos de equipes de esporte de lazer, e também equipes competitivas participantes de eventos esportivos ligados a sistemas de empresas com grande envolvimento financeiro e um enorme mercado de interesses. Neste momento, o lazer se liga ao trabalho e este ao esporte. A estrutura montada em torno das organizações denota, de forma pública ou privada, a existência de oferecimento do lazer: Lazer, esporte de lazer e trabalho; esporte empresa, esporte de competição; Administração, oferecimento de lazer e animação cultural.

Se o objetivo da participação dos indivíduos que observamos em atividades de Lazer Físico-Esportivo é da busca do recreio e do divertimento, e este conhecimento não podia ser obtido no trabalho, entendemos ser importante que se proceda a uma revisão sobre como foi no passado o reconhecimento destes conteúdos que permitiam-lhes a participação nesse tipo de atividades livres e prazerosas, através da frequência às aulas de Educação Física do Ensino Formal, nas quais o conteúdo físico e esportivo sempre foi destacado.

2. O CONTEÚDO CULTURAL FÍSICO ESPORTIVO

A atividade esportiva nos momentos de lazer das pessoas é uma realidade, e objeto de estudo deste trabalho. Por essa razão, torna-se necessário um melhor entendimento do significado dessas atividades que estão contidas nos “interesses físicos do lazer”, manifestados pelos sujeitos em seus momentos de “tempo livre” utilizando-se das práticas físicas através das diversas modalidades esportivas.

Podemos reconhecer mais de uma centena de modalidades esportivas sistematizadas, organizadas sob regras e códigos de conduta, que poderiam ilustrar o conteúdo físico esportivo. Mas, ao mesmo tempo, identificamos as modalidades mais

consumidas que são procuradas pela população estudada: modalidades individuais em ambientes padronizados como pistas de corrida, piscina, campos de futebol e quadras poliesportivas; percursos urbanos nas ruas ou passeios e trilhas selvagens para corridas, caminhadas e ciclismo. Há também esportes coletivos das modalidades mais praticadas, também em espaços de forma improvisada e em equipamentos oficiais, como o voleibol, o basquetebol, o futebol.

As práticas esportivas como um “interesse” são elementos de uma cultura desenvolvida na sociedade, e que, portanto, dentre as muitas atividades que estão no plano das culturas populares constituem um conteúdo cultural entendido nas manifestações corporais através das relações sociais dentro de determinados procedimentos organizados em jogos esportivos. Segundo Rocha Ferreira, (1999), *Cultura esportiva é entendida como um conjunto de significados, valores e hábitos de um povo relativo ao esporte, levando em consideração as raízes históricas de seu desenvolvimento*. E, desde meados do século passado, quando, na Europa, o esporte se institucionalizou através das atividades nas escolas públicas, Rocha Ferreira (1999, p. 132) continua, nos mostrando que:

O esporte é uma das expressões das atividades motrizes, no mundo contemporâneo. Este fenômeno teve suas raízes nos jogos tradicionais, os quais foram modificados e tiveram suas regras institucionalizadas; houve a burocratização, o marketing e uma maior participação de pessoas em diferentes regiões do mundo.

A expressão Conteúdo Cultural Físico Esportivo do Lazer, delimita nosso objeto de estudo como sendo as práticas esportivas realizadas no tempo livre. O esporte, como fenômeno social de entretenimento e prazer, praticado individualmente e em grupo, é o fator principal de análise deste estudo, por duas razões: primeiro, por ser o elemento de ligação entre o observador e o fenômeno, despertando interesse pela pesquisa devido ao fato de, nos momentos de lazer e nos lugares destinados ao lazer, as pessoas estarem se

utilizando do esporte; e em segundo lugar, relacionado ao objetivo educacional devido ao fato do esporte ser um dos principais elementos instrumentais da ação disciplinar da Educação Física no desenvolvimento da Cultura Física formal e não formal. Isto reforça o conceito de “conteúdo cultural”, tanto pelo processo de desenvolvimento cultural popular, que se desenvolve nos ambientes públicos informais, quanto pela formalidade de utilização do movimento educativo dentro da escola.

Ainda Rocha Ferreira, M.B. Tolloner, (1999, p.133),

No Brasil, a escola ainda é um dos principais locais de aprendizagem do esporte, em específico do voleibol, basquetebol, ginástica, futebol e algumas provas de atletismo. Ele foi introduzido de uma forma eclética e como pouca resistência comparado com a Bélgica que foi a través de resistência e acomodação.

Na observação da realidade das pessoas em ação e na análise de suas práticas, pode-se perceber que alguns sujeitos se utilizam da atividade física dentro de um jogo esportivo sistematizado, e outros se utilizam de outras atividades através de ações não sistematizadas, mais livres, como um passeio no campo ou numa praça pública, andando de bicicleta, correndo e passeando com o cachorro.

O que mostra a validade da prática utilizada pelas pessoas, para este estudo, e que a caracteriza no campo do lazer, é ser realizada fora do tempo do trabalho da atual sociedade industrial, e a atitude na escolha de como praticar o esporte, frente às ações realizadas dentro das opções de individualidade ou coletividade, em ambiente estruturado com as quadras esportivas, tanto nos ambientes urbanos, como também nos espaços naturais.

As atividades observadas apresentam diferentes graus de complexidade. E, na busca de subsídios para a compreensão deste fenômeno, voltamos a Dumazedier (1980), que nos auxilia indicando um procedimento de análise quantitativa e qualitativa das atividades esportivas para nossas observações.

O autor indica alguns parâmetros orientadores de análise como forma de observar e medir o grau do envolvimento da pessoa na prática. Pode-se fazer uma análise do conteúdo cultural em três dimensões: primeiro, da própria atividade, no caso, estamos observando o “esporte” dentre outros conteúdos; segundo, no dos “gêneros de conhecimento” pelos quais formam-se grupos institucionais, cujos envolvimento com o esporte são entendidos como “prático, científico, filosófico ou estético”; e em terceiro lugar, no que se denomina “níveis de participação”, pelos quais as pessoas desses grupos interagem com as ações de maneira “elementar ou primária” pelo simples fazer, com consciência “crítica” dentro de um nível “médio”, e, entendendo seus significados como comportamentos “criativos”, revelando níveis “superiores” de participação, podendo organizar, orientar e modificar sua dinâmica para seu desenvolvimento mais coerente, frente às suas necessidades e às vantagens que o esporte lhe pode oferecer.

Dentro do conteúdo físico esportivo, na dinâmica social, notamos uma movimentação riquíssima em comportamentos que decorrem de atividades que passam pela problemática das organizações dessas atividades. Como já citamos anteriormente, reconhecemos o esporte educação, de competição, o esporte espetáculo, e esporte de lazer e o esporte como terapia. Para estas propostas de ação, na tentativa de entender cada vez mais o comportamento dos sujeitos, tentamos identificar diferentes instituições consideradas responsáveis pelo ensino e manutenção dessa base do esporte, como fenômeno sócio-cultural.

O esporte educação é oriundo da escola, como instituição responsável pelos conteúdos culturais que devem garantir resultados de experiências e transmitir seus produtos para as novas gerações. Tem entre seu leque de elementos manipuláveis como instrumental o movimento humano, atingindo sua dimensão esportiva quando utilizado dentro dos parâmetros corretos de processo didático pedagógico da disciplina Educação Física.

Os Clubes Sócio Esportivos, locais de importância histórica social, a partir de um certo momento do processo de industrialização, com as novas configurações urbanas, passaram a exercer grande influência no desenvolvimento dos esportes, com vantagem sobre outras instituições no tocante à relação familiar para as propostas de aprendizagem e

desenvolvimento esportivo, podendo oferecer uma diversidade maior de equipamentos, voltados para o esporte de lazer como proposta principal, com grande parcela de participação no desenvolvimento do interesse pelo esporte, tanto de lazer educativo como também competitivo.

Mais recentemente, surgiram as Academias de Esportes, muito mais em função da economia que se expande. O movimento humano começa a ganhar importância no cenário dos interesses econômicos. A mídia passa a ditar normas para o culto ao corpo, que passa a receber influência dos modelos artísticos éticos, por seus comportamentos, e estéticos, pelas suas formas e imagens.

Dentro desse universo de ações pelas quais as pessoas se relacionam, o esporte ganha dimensões vastas de envolvimento participativo em suas diferentes formas e significados. Dentro de toda essa problemática em função do modelo capitalista, a competição ainda é exaltada, partindo mais da iniciativa privada, que dita os procedimentos a serem seguidos como modelos, nos quais os objetivos estão mais voltados para o rendimento atlético, do que para o interesse na participação educativa para o tempo livre.

Poucas instituições públicas em parceria com a iniciativa privada e as organizações não-governamentais trabalham em favor de organizações que contemplam a grande massa populacional, a favor da prática esportiva em âmbito educativo ou até de competição.

Com o desenvolvimento dos interesses financeiros, o investimento nas descobertas de valores esportivos como componentes de estratégias de mercado ganha muito terreno na promoção das participações sociais e sobrepuja, de forma não declarada, o interesse pelas práticas que não visam lucro. Porém, não se pode deixar que apenas a questão da produtividade, do rendimento e da alta performance, como valores, oriente as normas e regras para a prática física dos esportes. Mesmo que a ação esteja visando o lucro como objetivo, é necessário passar por uma sequência lógica de desenvolvimento de consciências críticas e criativas como primeiros resultados.

Para o esporte, que utiliza o movimento e os outros campos do domínio do ser humano na sociedade, todos necessariamente devem passar por estágios educativos de formação integral com conteúdos multidisciplinares, para depois alcançar qualidades

atleticas e, assim, depois de indicar seus diversos objetivos, o sujeito poderá até perseguir a competição, que, pela sua importância quanto ao aspecto financeiro, passa a ser buscada através de muito sacrifício.

Alguns autores consideram a prática esportiva como uma atividade sofrida, tanto que num texto de Dumazedier, onde ele cita Jean-Marie Brohm, o masoquismo é indicado para caracterizar o envolvimento esportivo das pessoas que se submetem a muitos esforços na busca do desenvolvimento esportivo, motivados por fatores extrínsecos aos próprios sujeitos. A atividade física que é utilizada deve ser adquirida para depois ter sua intensidade auto-regulada. Isto então permitirá que sua prática possa atingir os gêneros prático, estético e científico de participação, significando “fazer o esporte” e “ultrapassar o simples fazer por fazer, atingindo um envolvimento com significado mais elaborado de compreensão do ato”, e as experiências atingem “níveis de compreensão profundas da prática vivenciada”, segundo Dumazedier.

No mesmo texto, Dumazedier (1980), cita Brohm, que vê no rendimento esportivo uma analogia com o capitalismo, entendendo o esporte como uma atividade que exigiria algum sacrifício, não considerada como sendo normal. Se a auto-superação é uma característica dos seres humanos, então, transformar uma cultura que privilegia os melhores nas questões da competição atlética pela competição prazerosa e de lazer possibilitaria a diminuição da insatisfação do ser humano medíocre pelo seu atual estado físico, na sua constante busca da auto-superação.

De uma certa forma, a atividade exclusivamente competitiva denota um adestramento que visa a auto-superação e, conseqüentemente, a superação do outro. Alcançar as dimensões do lazer no sentido de utilizá-lo como veículo educativo com atividades realizadas *pelo lazer*, e se educar *para o lazer*, seguramente, terão como produto mentalidades mais despojadas dessa luta que projeta o sujeito a uma constante expectativa de superação com sucessos e fracassos.

Como já consideramos o fenômeno esportivo através de uma visão social, e, principalmente, em suas múltiplas formas de desenvolvimento sócio cultural, observamos que a instituição escolar recebe grande parcela dessa responsabilidade na educação para o lazer, facilitando de acesso a equipamentos e eventos; sendo responsável por eliminar

diferenças sociais; não reforçando desigualdades; tendo maior influência sobre a sociedade e também sobre todo o processo de desenvolvimento da cultura. Passaremos a discorrer sobre sua importância através da história — finalidade educativa e relação direta com a criação de uma cultura de lazer que possibilitou um estágio de desenvolvimento sócio cultural e esportivo, como a exemplo dos ex-alunos do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, fator gerador deste estudo.

CAPÍTULO II

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

1. A ESCOLA E SUA FUNÇÃO

Constantemente a sociedade está sendo transformada. E, neste final de milênio, nota-se um crescente afastamento sociedade/instituições de ensino formal e um aumento de organizações não-formais, no que diz respeito ao conhecimento das diversas áreas e da cultura, de modo geral. A vida humana é, de uma forma geral, movimento contínuo, mas é assustador o processo de transformação dos meios de comunicação pelos quais se desenvolve a dinâmica de ensino e aprendizagem que interfere na sociedade, desde o simples movimento da fala humana até o mais sofisticado equipamento eletrônico cibernético para os deslocamentos das viagens de longas distâncias.

Reconhecemos que as instituições escolares deveriam ser as administradoras conscientes do processo global de desenvolvimento. Apesar disso, encontramos parte dessas instituições funcionando como simples reprodutoras de idéias conservadoras, ou seja, apenas desenvolvendo a missão de adestrar mão de obra para o trabalho. Estas escolas desenvolvem ações de forma a se manterem neutras quanto às interferências que podem afastá-las de seu verdadeiro objetivo, que seria o de educar para consciências críticas, uma vez que acompanham somente o desenvolvimento relativo ao trabalho, à produtividade a qualquer custo. Este modelo organiza seus conteúdos influenciado pelo “dogma do trabalho”, dado pelos sistemas educacionais conservadores e, de uma certa forma, pelos meios de comunicação de massa.

A Escola deve ter como papel fundamental a transmissão de cultura numa parcela da sociedade através do desenvolvimento dos três domínios aos quais os sujeitos estão subordinados, no sentido da convivência consigo e com o grupo social, ou seja, o raciocínio, a emoção e o movimento. Assim, considera-se que a escola deva desenvolver o pensamento lógico que permita uma compreensão sadia e natural dos fenômenos do ambiente, possibilitando o relacionamento afetivo com o próximo, dentro das necessidades

exigidas no momento. Neste contexto, também se considera o movimento corporal como um elemento de suma importância no equilíbrio dessas relações, segundo Mosquera apud Rolim (1989).

No mesmo sentido, consideramos que a escola deve, na atualidade, ter como um de seus papéis criar a cultura do lazer, e vale a pena reforçar a idéia dos estudiosos do lazer sobre seu duplo processo educativo. Em concordância com os autores, o educar *pelo* lazer e *para* o lazer ganha importante significado, passando a ser valorizado quando se relaciona diretamente com o trabalho, conceito que acaba sendo desenvolvido durante o processo educacional, no sentido de conscientizar o sujeito sobre o valor do tempo livre das obrigações que o desgastam.

Além disso, ao se propor o reforço do valor cultural do lazer, entendemos ser de suma importância abordar a escola como um *lugar* onde esta cultura deve se manifestar. Se a Escola tem o papel fundamental de criar cultura, existindo na dimensão pública pela oportunidade de igualdade, onde sujeitos das mais diversas camadas sociais convivem, e graças a sua gratuidade, os valores materiais não impedem o desenvolvimento dessa cultura. Na dimensão privada, seleciona sua clientela pelo valor de mercado de seus recursos técnicos, contudo, pode neutralizar a questão das desigualdades advindas do poder econômico, dentro dos objetivos do lazer, utilizando-se da mesma ordem de valores educativos *pelo* e *para* o lazer.

Como nosso interesse volta-se para as atividades físicas esportivas do lazer, e considerando o atual estágio de desenvolvimento em que se encontra nossa sociedade, a influência dos outros agentes culturais além da Escola acaba sendo real. Constata-se, em nossa sociedade, mecanismos que propiciam estratégias e favorecem práticas esportivas de formas muito diversas, a exemplo dos meios de comunicação de massa que têm a capacidade de manipular interesses com muita velocidade de inovação e em parceria com outros mecanismos sociais, muito maior que a capacidade de inovação da Escola. A partir dessa constatação, é necessário considerar também o ambiente fora da escola, através de agentes informais em suas relações com a sociedade como a família, os grupos de amigos e a igreja que sempre contribuem para a criação e desenvolvimento de Culturas.

Costa (1988, p.46) define a responsabilidade pelas atividades. Assim cabe à Escola desenvolver a *Atividade formal como sendo um fluxo contínuo de ações com componentes ordenados e estáveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização.*

Quanto ao ambiente fora da Escola, Costa (1988, p. 47) continua se referindo às...

Atividades não-formais como versões complementares e descontínuas de eventos formais com diferentes graus de utilização de seus componentes originais, objetivando o atendimento a necessidades contingenciais. Atividades informais como ações autônomas e auto dirigidas segundo realizações de indivíduos e grupos, como respostas a solicitações permanentes ou eventuais.

Ainda em complementação ao entendimento que demos à formalidade e informalidade, podemos concordar com o autor, no sentido de uma continuidade que deva existir no processo educativo, que se inicia no ambiente formal da escola e ganha continuidade fora dela, como sendo de responsabilidade dos agentes já reconhecidos, como família, amigos e meios de comunicação de massa.

Dentro do universo das instituições escolares, encontramos algumas com administrações conscientes do processo global de desenvolvimento, que já reconhecem outros valores além dos voltados apenas para a produção e para o trabalho, e como se reconhece na Instituição Escolar um dos locais de criação de cultura, entendemos que, da mesma maneira, todos os conteúdos físicos de responsabilidade da escola devam ultrapassar seus muros e se manifestarem nos comportamentos da sociedade, através da aplicação e do domínio de uma pedagogia extensionista.

Este processo sócio-cultural se subordina à escola e a torna responsável por catalisar todo desenvolvimento observado na sociedade, ficando na incumbência de filtrar e transmitir a seus membros, através de um processo acadêmico que é mantido pelas gerações, toda uma herança cultural de conhecimento e de valores. Rolim (1989)

Fora da escola, a família, enquanto instituição social, pode ser vista como um segmento onde se observa a continuidade do processo iniciado na escola, e que se caracteriza como a informalidade, conduzindo os sujeitos a conviver com as “circunstâncias”, conceito sobre o qual vamos encontrar em Moraes (1986, p. 9) a seguinte citação:

...todo mundo que está à nossa volta constantemente nos ensina, nos marca e modela. O meio no qual uma criança vive sua primeira infância, principalmente o ambiente familiar, é de suma importância para a vida adulta que tal criança terá. Isto o aceitam psicanalistas e psicólogos, pois os primeiros anos que são aqueles nos quais a família mais ensina a criança. Do latim popular formou-se a palavra ensinar: insignare, marcar com um sinal. De onde se vai vendo que todos os efeitos marcantes que se exercem sobre uma mente são efeitos ensinantes.

Reconhecemos a Escola como um lugar de organização, divertimento e reforço dos conceitos já estabelecidos na sociedade, a exemplo da moral, do respeito ao próximo e dos bons costumes, como também sendo capaz de modificar tais valores no sentido de aprimorá-los. Ainda encontramos em Onimus apud Lima. (1975, p. 5) uma referência dizendo que:

A sociedade do futuro não poderá, absolutamente, suportar (sob pena de síncope) o contexto intelectual e material que o Estado industrial nos construiu. O recurso será a escola: só a escola aberta é, com efeito, capaz de fornecer o oxigênio

necessário para nos permitir sobreviver nas cidades. Ligada à progressão do lazer, centro de criação, de animação e de ensinamento geral, responde às necessidades mais urgentes de nossa sociedade.

Junto desta definição de “escola” como agente principal de cultura, não podemos desprezar a transformação social que vem ocorrendo, advinda dos novos valores trazidos por novas maneiras de se envolver com os tempos sociais, principalmente com o “trabalho”. Estas novas e constantes transformações na sociedade e para a sociedade exigem novas formas de organização destes tempos, em função da modernização tecnológica. Existe uma tendência de grande parte do trabalho tornar-se relativo ao oferecimento de serviços, apresentando uma nova relação com o tempo livre, como já foi citado. Nessa perspectiva, a Escola deve acompanhar estas novas maneiras de se viver em sociedade, considerar as novas necessidades de produção e também de valorização do tempo de não-produção ou tempo de lazer e se transformar para um de seus mais nobres e caros objetivos que é o de garantir cultura.

O reconhecido ganho de novos significados para o tempo livre sugere um estado de liberdade e criatividade cada vez maior e real. Neste sentido, consideramos complementar este pensamento ao apresentado por Snyders (1988), quando aborda a escola. Este autor enfatiza as sensações de alegria como elemento primeiro de uma “Cultura Elaborada” que advém do processo escolar com seus conteúdos culturais e associa a estes um outro fator denominado de “Cultura Primeira” como as vivências que são trazidas para a escola advindas do ambiente social pelo qual a criança passa e é influenciada, sendo esta combinação essencial na construção da “cultura” escolar na tentativa de formar e informar o conhecimento fundamental.

Assim, a responsabilidade da escola passa por sucessos e insucessos, tanto quanto qualquer processo de oferecimento e aquisição de ensino e aprendizagem. É oportuno reforçar a citação de Mac Luhan apud Snyders (1988, p.186), quando declara: *“A escola deve ser fascinante a fim de poder competir com a publicidade, o hit-parade e a*

televisão”, mesmo sabendo que, atualmente, muitas novidades são mais rapidamente reconhecidas através dos meios de comunicação do que propriamente através da escola.

Snyders (1988, p. 46) lembra ainda que a escola deve fazer com que a criança deva gostar do momento presente quando vivem este ambiente; seus conteúdos culturais devem favorecer um estado de espírito que propicie a felicidade no momento presente e não apenas como investimento para o futuro. Incorporando a personalidade de uma delas, comenta:

Tenho necessidade de uma cultura que me ajude a gostar do presente e manter o presente com intensidade e fervor e não de espera. Antes de tudo, aprender as possibilidades, os recursos que este presente encerra, reconhecer as formas que me animam no que elas tem de ativo e de criador e porque, na maioria das vezes, seu impulso foi contido. Uma cultura que me dá prazer de viver minha época em sua amplitude e com toda amplitude de que sou capaz, de partilhar o ardor de sua procura e o terror de suas falências; não me deixar submergir pelo mais imediatamente visível e pelo mais freqüentemente repetido: ameaças, confusão, abandonos. Também não crer tão depressa no paraíso.

O que pretende o autor, na figura da criança, fica claro quando ela reclama que a qualidade do momento presente na escola tem importância fundamental em seu estado de espírito para a felicidade imediata, não importando se aquilo a está preparando para o futuro. O futuro também é importante, porém, em seu devido tempo.

A escola tem uma grande parcela de participação nas modificações dos fenômenos sociais e é responsável tanto pela transformação dos bens materiais gerados pelo homem e

sua apropriação quanto pelo patrimônio de tempos livres e ocupados com atividades, decisões e ações, configurando as características da época. Essa apropriação relaciona-se ao fato da sociedade estar subordinada a ele. Essa instituição deve educar o indivíduo tanto para o trabalho, possibilitando que, no futuro, venha a se ocupar deste, como também para o tempo livre, atribuindo ênfase à sua própria liberdade, dando-lhe consciência e capacitando-o para que possa se ocupar com atividades que lhe proporcionem uma maneira de viver junto à natureza, de forma a favorecer sua abstração, contemplação e respeito, mesmo quando tem o intuito de transformá-la. Da mesma forma deve a escola fazer parte da natureza, a fim de perceber os limites que os elementos naturais impõem às qualidades físicas corporais, mentais e materiais, interligando natureza e ser humano.

Como já foi dito anteriormente, nosso interesse está centrado nas atividades físicas esportivas do lazer e consideramos que o esporte, no ambiente escolar, é indiscutivelmente reconhecido e que sua utilização, através das modalidades esportivas nos grupos da escola, traz situações de grandes benefícios aos seus participantes. Apesar dessa afirmação, é preciso, contudo, que sejam respeitados os elementos constituintes dos esportes, quanto às suas diferenças de regras e, principalmente, quanto ao comportamento ético, relativo ao respeito aos códigos, ocupação de espaço e a estética das formas de se movimentar, na busca de uma melhor técnica para minimizar o esforço, elementos que compõem o instrumental do desenvolvimento do domínio motor.

Consideramos, portanto, que estes conteúdos devam ser utilizados de forma a compor com os outros conteúdos culturais, uma lógica de desenvolvimento global para os grandes objetivos educacionais: — trabalho, sobrevivência, tempo livre e desenvolvimento social.

Nas primeiras etapas da escolaridade dos sujeitos, estes conteúdos têm significados de formação da consciência de seu corpo frente à sociedade, instrumentalizando os envolvimento nas tarefas do dia-a-dia de cada um. Após o período de desenvolvimento corporal voltado para o social, nas primeiras fases de escolaridade, pode-se incluir nas fases seguintes o esporte como elemento complementar do processo formativo educativo.

Em nossa prática cotidiana, percebemos, contudo, que, muitas vezes, atitudes tecnicistas são tomadas, mais influenciadas pela máquina econômica e pelos meios de comunicação do que pela linha pedagógica escolar, ética e educativa da instituição, ou seja, a simples transmissão de elementos folclóricos formativos essenciais, especializando demasiadamente o sujeito nas modalidades esportivas, levando à busca de algum resultado que muitas vezes pode ultrapassar seus limites naturais. Esse fato pode interferir negativamente na perspectiva de algumas participações, através da prática, favorecendo a criação de uma cultura de lazer físico esportivo forçado, anti-natural e mais agressiva.

Como que a confirmar esta consideração, comentamos em interessante pesquisa realizada com crianças de cinco e seis anos, o grau de agressividade das mesmas através de uma comparação da participação em “jogos competitivos” e em “jogos não competitivos”. Depois disto, as crianças foram observadas em “brincadeiras livres”, onde verificou-se que a participação em jogos competitivos induzia a criança a apresentar características agressivas junto a seus pares, corroborando a hipótese de que os jogos competitivos despertam para a agressividade (Orlick, 1978 p.66).

Mesmo os sujeitos que, de uma maneira consciente, se especializam na busca de performance, motivados por sonhos de grande projeções sociais e econômicas, acabam perdendo, mesmo na escola, a oportunidade de conhecer outras atividades físicas esportivas, o que lhes proporcionaria um melhor preenchimento do tempo livre no futuro. A vida atleticamente produtiva numa modalidade esportiva é curta, em comparação com toda uma gama de possibilidades de participação em atividades físicas, devido ao tempo gasto no investimento de uma prática somente e também a especialização envolve riscos quanto às lesões físicas que podem limitar as participações futuras em outras atividades físicas de grande importância nas outras fases do ciclo vital.

Todos os conteúdos da escola são responsáveis pelo desenvolvimento do raciocínio nas decisões que as pessoas deverão tomar quanto aos rumos de suas vidas. Nas matérias de conteúdo lógico, no desenvolvimento da afetividade e nas matérias que envolvem a participação conjunta, incluindo os movimentos corporais, as tomadas de decisões deverão conduzir para o enfrentamento de problemas que todos têm junto às

áreas profissionais, em todas as áreas de trabalho numa sociedade industrial e de serviços, isso inclui também o envolvimento na prática dos esportes de forma profissional.

Hoje, estamos observando transformações comportamentais em virtude dos novos envolvimento com o trabalho, nos quais já se pode observar uma maior liberdade de opção quanto a atividades que se mesclam nos tempos sociais e nas novas profissões. Se a escola é responsável pela criação de uma cultura de envolvimento com o trabalho, ela deve também preocupar-se em estabelecer as relações dessa cultura com as possibilidades do tempo livre.

Neste sentido, as disciplinas escolares devem dar conta de uma grande quantidade de conhecimentos visando criar cultura, e nessa estrutura, temos a disciplina Educação Física, que tem como instrumental em seu leque de conteúdos as modalidades esportivas, que hoje tratam-se de um grande fenômeno social, que se voltam para o sentido do relacionamento entre as pessoas, para o entretenimento, para a recuperação das funções orgânicas e mentais e para o desenvolvimento intelectual desinteressado, isto é, o conhecimento físico esportivo que se transformará em cultura.

Em complementação a esta valorização do papel da escola como criadora de cultura, acreditamos que a Escola deva ser vista como um lugar que a todo momento propõe a seu aluno o pensar no futuro, porém, utilizando-se do presente com bastante intensidade. Ela vem ocupar cerca de quinze anos da vida das pessoas na fase de amadurecimento para o estágio crítico posterior. As experiências oferecidas em seu ambiente seguramente têm significados marcantes para serem traduzidos como peças que se juntarão para formar o cotidiano do futuro. As disciplinas escolares das diversas áreas de conhecimento formam esse instrumental, que deve ser utilizado com coerência no presente e preservado para a qualidade do futuro. Consideramos que o “tempo livre”, como conteúdo a ser trabalhado pela escola, é elemento fundamental para o instrumental de todos em benefício da qualidade de vida.

No sentido de manter a disciplina “Educação Física” relacionada com as outras disciplinas responsáveis por desenvolver a cultura geral, consideramos que o envolvimento com o estudo do movimento corporal deva colaborar de forma efetiva na elaboração dessa cultura. Os elementos distintos das várias etapas do desenvolvimento motor, referentes às

múltiplas possibilidades de envolvimento dinâmico, associadas pela escola às emoções entre os participantes, devem respeitar sobremaneira seus limites individuais e implicam na participação destes no desenvolvimento do movimento, o que certamente acabará por sugerir atividades que permitam a construção de um *saber físico*, ou de uma *consciência corporal*, ou ainda, de *boas posturas para o dia-a-dia*, que passariam a atender às necessidades com as quais a sociedade acaba se relacionando e se dispondo a satisfazer.

Como consideramos as atividades físicas e esportivas importantes na formação cultural do indivíduo, também é importante passarmos a analisar como ela foi ensinada às pessoas que vimos observando quando da prática das atividades físicas, na ocasião em que freqüentaram a disciplina Educação Física na Escola, pois parece-nos que esta prática vivenciada acabou por criar nesse universo de pessoas uma determinada cultura, que lhes está otimizando um lazer consciente atualmente.

2. A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A disciplina Educação Física Escolar, no contexto deste estudo, deve ser vista como um elemento importante do processo de desenvolvimento cultural, numa abordagem dialética com a área de conhecimento da sociológica nas ciências humanas, caminhando entre as relações que ocorrem com o esporte e a sociedade, o esporte e a educação, o esporte de lazer e o esporte de rendimento.

Para podermos visualizar estes momentos, em que se constitui a disciplina dentro do sistema de ensino que conhecemos hoje, é, interessante lançar olhares sobre alguns elementos de sua história e sua legislação no Brasil, e para isso, utilizaremos os trabalhos de Soares (1994) de Betti, (1991) e de Castellani (1999), onde é possível encontrar uma seqüência de fatos que vieram demonstrar fortes influências políticas que ocorreram no desenvolvimento das relações disciplinares com a estrutura social e organizacional das instituições.

Como muitos fatores de desenvolvimento de um processo civilizatório, a influência de outros povos, que passaram pelo mesmo desenvolvimento em tempos anteriores, veio

pautar procedimentos nas mais diversas esferas de formação social em nosso contexto, naturalmente devido ao espírito de conquista e do exercício de poder.

O europeu, na ânsia de estabelecer suas marcas em suas descobertas, exerceu muita influência no comportamento das pessoas dos lugares conquistados, muitas vezes, beneficiando-as com o progresso da transformação material e outras vezes, prejudicando-as no desconsiderar suas culturas locais, seus elementos humanos antropológicos, em seu desenvolvimento natural.

Quando na Europa ocorreram as chamadas revoluções “burguesa e industrial”, “política e econômica”, e o envolvimento do sujeito da história passou a ter o sentido de elemento produtivo para a industrialização, novas estratégias passaram a ser utilizadas no sentido de preparar e preservar a mão-de-obra para o trabalho da nova dinâmica social. “...o corpo dos indivíduos são tomados como objetos mensuráveis, passíveis de classificação e generalizações isentas de paixões e impregnadas de neutralidade própria da abordagem positivista de ciência”. Soares (1994, p.27) Neste sentido, o corpo pessoal passa a ser objeto de atenção da ação médico-preventiva em parceria com a produção.

Com a inevitável chegada ao Brasil do produto e dos efeitos dessa dupla revolução para o processo educativo, também alguns elementos vieram influir nos métodos de ensino ora pautado para a produção. Para a educação do físico, alguns preceitos eram considerados relevante: saúde e disposição para o trabalho, muita resistência para a carga de horas destinadas ao manuseio de máquinas, tudo em nome da saúde corporal enquanto instrumento de produção.

Devemos agradecer às chamadas novas pedagogias que iniciaram as mudanças de significado do corpo, para um novo paradigma e elemento de grande ajuda no sistema de educação consciente do sistema de produção e do trabalho que durante muito tempo manteve-o como instrumento de produção, descaminhos e sacrilégio. Neste aspecto, Soares (1994, p. 60) nos conta que...

O exercício físico denominado ginástica desde o século XVIII, foi aquele conteúdo curricular que introduziu na escola um tom

de laicidade, uma vez que passava a tratar do corpo, território então proibido pelo obscurantismo religioso. Desse ponto de vista, só podemos louvar as teses dos pedagogos liberais por voltarem sua atenção também ao corpo.

Porém, analisando o que diz respeito ao significado do corpo como instrumento de prazer e de lazer, ainda estava distante de poder ser trabalhado, desenvolvido e usufruído. A biologia e a medicina tomaram de assalto o uso do corpo como instrumento de desenvolvimento social apenas voltado para o trabalho. A ginástica podia ser classificada dentro das atividades e considerada “filha do liberalismo e do positivismo”, entendida como subordinada às leis da moral disciplinadora e das formas de preparar para o cumprimento dos deveres dentro das organizações de produção. Atividades que mostravam um homem como ser puramente biológico.

Mesmo considerando estes meandros do desenrolar da corporeidade para a educação do físico, vamos encontrar ações políticas governamentais de modificação da intenção de se utilizar essa área de conhecimento como disciplina, cada vez mais (mesmo que indiretamente) ligada aos aspectos humanistas da educação.

Para a chegada da disciplina em nosso ambiente educacional em formação, 1851, Luiz Pereira do Couto Ferraz apresenta à Assembléia Constituinte Brasileira um projeto de lei nº 630, de 17 de setembro, para a disciplina Educação Física, na chamada “Reforma do Ensino Primário e Secundário Couto Ferraz” no Município da Corte no Rio de Janeiro. Em 1857, o decreto nº 2005, de 24 de outubro, denominado “Reforma Marques de Olinda” designa um lugar que contemplava não apenas exercícios e ginástica, mas também a “recreação”. Alguns anos depois, em 1882, aparece o Projeto nº 224, que propõe a “Reforma do Ensino Primário e de Várias Instituições Complementares da Instituição Pública”, e que recebeu de Rui Barbosa, como seu relator, a indicação de uma seção especial de ginástica na escola normal, “em horas distintas das do recreio” (CEV - Centro Esportivo Virtual - Legislação da Educação Física/Desportos 1851-1970). Um regulamento, de 1892, autoriza o diretor e o vice-diretor do Ginásio Nacional a

desenvolver nos seus alunos o gosto pelos “exercícios ginásticos livres”. Já nestes fatos legais pode-se observar algumas modificações a favor das práticas recreativas e de lazer.

Anos mais tarde, já depois da virada do novo século, com o Movimento do “Estado Novo”, iniciado no governo Getúlio Vargas, também conhecido como “A Revolução de 1930”, processa-se o rompimento da velha ordem social oligárquica, coincidindo com a implantação do capitalismo, dando início à uma nova configuração social urbano-industrial no Brasil. Em 1922, é baixada uma portaria pelo Ministro da Guerra, em 10 de janeiro, criando o Centro Militar de Educação Física, destinado a coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas implicações esportivas.

Como um dos resultados positivos das diversas mudanças ocorridas nessa época, é criado o Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. Surge também o Ministério responsável pela Educação e o primeiro ocupante do cargo de Ministro da Educação no país, na pessoa de Francisco Luiz da Silva Campos, que conduziu o ministério até 1932. Campos efetuou reformas no ensino secundário, comercial e superior, sendo esta a primeira vez que ocorreria uma política direta relacionada ao sistema de ensino no país.

Neste fato, que foi denominado de “Reforma Francisco Campos”, pudemos encontrar referências à política educacional fazendo alusões à Educação Física. Os exercícios da Educação Física eram obrigatórios para todas as classes do ensino secundário.

Gustavo Capanema assumiu o Ministério em 1934 e reformulou o ensino secundário, através de uma Lei Orgânica que teve por finalidade formar a personalidade integral dos adolescentes e acentuar uma consciência patriótica e humanística, proporcionando uma preparação intelectual geral. Nesta proposta de renovação humana, pode-se supor aspectos da educação física voltados para objetivos mais sociabilizantes, permitindo outros aspectos da formação do aluno que não só o biológico.

Se temos como importante o que diz respeito à Política Educacional relativa à Educação Física, na década de trinta, ocorreram dois fatos que destacaram a disciplina no contexto educacional: durante a gestão de Francisco Campos, houve a designação de inspetores especializados para a orientação do ensino da Educação Física, e na gestão de Gustavo Capanema, é que foi, pela primeira vez, na história do país, colocada numa

Constituição referência direta à Educação Física, através do Artigo 131 da “Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil”.

Essa nova reforma, denominada Capanema, tornou obrigatória a Educação Física a todos os alunos com até 21 anos de idade. No mesmo sentido, no Ensino Normal, as disciplinas “Educação Física” e “Educação Física, Recreação e Jogos” foram previstas para os cursos de regentes de ensino primário e de formação de professores primários.

Nestas referências, Betti (1991, p.70) cita que:

Durante todo o período, a Educação Física foi concebida como uma ‘prática educativa’, e não disciplina como as demais, sendo sempre tratada em separado nos textos legais, ao lado da educação musical ou canto orfeônico. Somente na Lei Orgânica do Ensino Normal recebeu o tratamento de ‘disciplina’.

Em 1938, é instituído o Conselho Nacional de Cultura, decreto Lei nº 526, de 1º de julho, que em seu artigo 2º, parágrafo único, alínea h, inclui a Educação Física como atividade de desenvolvimento cultural. (CEV) Assim, em 1938, o diretor do Departamento Nacional de Educação (DNE) recomendou que os professores de Educação Física, disciplina considerada por ele em nada inferior às outras, tivessem tratamento igual aos colegas das outras disciplinas, como também lhes coubessem os mesmos direitos e deveres. Em 1939, é decretada a Lei nº 1713, de 28 de outubro, que dispõe sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos da União, que em seu artigo 219 diz do bem-estar, aperfeiçoamento físico, intelectual e moral dos funcionários e famílias. Em seu parágrafo único, item V, prevê criação de Centros de Educação Física e Cultura para Recreio, aperfeiçoamento moral e intelectual dos funcionários e de suas famílias, fora das horas de trabalho. (CEV)

Naquela ocasião, ou mais precisamente em 30 de junho de 1931, a Portaria nº 70, do ministro Francisco Campos, definiu os programas do curso fundamental do ensino secundário, entre eles, o de Educação Física. O DEF e o DNE expediram inúmeras

circulares recomendando a estrita observação das normas legais referentes à prática da Educação Física, no ensino secundário, quanto a sua metodologia.

Estes programas estabeleciam que a disciplina Educação Física deveria (...) *proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmônico do corpo e do espírito, concorrendo assim para formar o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico de seu valor e de suas responsabilidades.* (Betti, 1991, p. 71)

Apesar de ocorrer uma evolução no sistema político de interferências na disciplina escolar, nota-se ainda um sentido forte de “deveres” como objetivos da prática, ainda exigidos pela dinâmica disciplinar, e ainda com muito poucos elementos de liberdade de expressão.

Nessa mesma Portaria Ministerial nº 70, do Ministro Francisco Campos, vamos encontrar uma aproximação pouco mais humanista da disciplina, que além de considerar seus aspectos biológicos passa a despertar hábitos de qualidades morais, como também tenacidade, persistência, independência, espírito de disciplina, concórdia e solidariedade, possuindo, em suas entrelinhas, considerações de mais respeito às individualidades e características pessoais dos educandos. A portaria recomenda a adoção, através de normas e diretrizes do Centro de Educação Física do Exército, do Método Francês, utilizado desde 1921.

Neste momento, começam a aparecer elementos mais favoráveis de renovação dos conteúdos da disciplina. A pedagogia brasileira começa a se transformar e a rever as formas tradicionais de ensino.

Estudos na área da Biologia e Psicologia levaram a uma nova compreensão das necessidades da infância, e destes níveis de análise, as preocupações estenderam-se a outras áreas. A Escola Nova foi pioneira no país ao incluir o nível sociológico no discurso dos assuntos educacionais. (Betti, 1991, p. 78)

As bases sociais da educação são tratadas ao nível da Psicologia Social, da Sociologia e da Filosofia, para os quais os aspectos das relações humanas têm maior possibilidade de variações, incluindo o movimento corporal como instrumento de desenvolvimento.

A necessidade do estudo de natureza sociológica da educação é explicada pela oposição indivíduo-sociedade, pois a vida individual é considerada 'limitada no tempo', enquanto que os grupos 'tendem a permanecer ou durar, na sucessão das gerações', e por essa razão o processo educacional tem de ser visto como de natureza social. (Betti 1991, p.79)

Com relação à investigação de valores relativos ao processo educativo, as ações da escola passam a ser vistas como “variáveis intervenientes” e não “dependentes”, isto é, são capazes de fazer variar o resultado final da vida social. “Conseqüentemente, a ação intencional de educar ‘assume o caráter de ação política’”. Surgem aí novos ideais pedagógicos e sociais de planeamento para uma sociedade urbano-industrial. A Escola Nova teria como finalidade uma educação integral, conduzindo o desenvolvimento do ser humano em suas várias fases de crescimento.

Nessa proposta de novos ideais pedagógicos, Musa, citado por Betti (1991), propõe a utilização de um método de Educação Física esportiva com os seguintes objetivos: saúde, pela melhoria das condições psico-morfo-fisiológicas; desenvolvimento intelectual, porque obriga o aluno a raciocinar; desenvolvimento moral, uma vez que cria o hábito de vencer as dificuldades para todas as idades e sexos; e por fim, que as lições deveriam ser atraentes. O mesmo autor ainda considerava que o esporte seria um grande substituto da “ordem unida e de comandos rígidos” que sempre cercearam os comportamentos, pois permitiria uma maior liberdade de expressão de movimentos.

Betti (1991) cita importante passagem neste processo, através das idéias de Alfredo Colombo, como diretor do DEF (Divisão de Educação Física do MEC 1955).

Neste período, considerado de “esportivização” da Educação Física, os conteúdos veiculados perderam elementos apenas de ideologia política militar, especialmente a “Revista de Educação Física do Exército”, passando a dar mais atenção à “técnica” do movimento corporal ligado ao esporte como rendimento técnico.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1961, fazia considerações à Educação Física, que segundo Castellani, (1999, p.98):

Os motivos justificadores do tratamento por ela recebidos, já estavam presentes há três décadas. Basicamente centravam-se no processo de industrialização do modelo econômico brasileiro em substituição ao agrário comercial-exportadora implementado nos anos 30 e apoiavam-se na necessidade da capacitação física do trabalhador ao lado daquela de natureza técnica.

O que se entende por estas considerações é que aquela LDB não permitia que a Educação Física pudesse ser atrelada ao projeto político pedagógico da escola, mostrava procedimentos voltados para a prática física como que conservando elementos tradicionais, ainda, não permitindo entrada de novas propostas de chegada de novos valores para seu desenvolvimento que não fosse o de atender às necessidades da indústria, relativas ao adestramento da mão-de-obra e para a recuperação de sua clientela.

Rocha Ferreira (1999, p.133) nos mostra que os vários métodos de desenvolvimento do movimento foram utilizados desde final do século XIX: A ginástica Sueca, os jogos ao ar livre, o método Francês da Escola de Militares Joinville le Pont. Com o passar do tempo a disciplina foi sendo influenciada por uma mescla desses vários métodos: Suéco, Francês, Alemão. Até a chegada do método denominado “Educação Física Desportiva Generalizada”, trazido ao Brasil pelo professor francês Augusto Listello, no qual a legislação passa a enfatizar a maior utilização do esporte a partir de 1955. Essa dinâmica incorpora o conteúdo esportivo aos métodos da Educação Física utilizados com

provável ênfase no aspecto do jogo esportivo lúdico. Deste mesmo Método, nos conta Betti (1991, p.97) que:

...visava proporcionar uma atividade física prazerosa que englobasse o indivíduo como um todo, numa ação psico-morfo-fisio-sociológica. Desejava-se, tendo em vista 'A experiência, a psicologia da juventude e os conhecimentos filosóficos e científicos atuais', substituir o exercício feito por obrigação pelo exercício executado por prazer ou por necessidade imperiosa.

Para Listello, ainda segundo Betti (1991), o esporte era um componente privilegiado, para o aluno e, pela escola, por se apresentar muito mais agradável ao adolescente, dando mais prazer e alegria. O esporte deveria se tornar, no futuro do aluno, um 'elemento primordial no preenchimento das horas de lazer' e, portanto, ele via como uma ação importante, por parte da escola, alertar os alunos para aquela situação futura. O método, segundo seu idealizador, tinha como objetivos: iniciar os indivíduos nos diferentes esportes; especializar os gestos esportivos; desenvolver o gosto pela performance; e despertar a necessidade da higiene.

Para o idealizador do Método "Desportiva Generalizada", o esporte não era um fim, mas um meio de formação e preparação para a vida. Não tinha a finalidade de selecionar os mais bem dotados para a prática esportiva, e sim, oferecer oportunidade para educar e melhorar todos indistintamente.

Essa evolução, que pode ser entendida como o "pólo da normatização escolar na escolarização do homem", nos mostra o início de procedimentos que levaram as ações disciplinares e curriculares de um campo voltado para o indivíduo como ponto central, biológico e passivo, para um sujeito participativo, com possibilidade de maior criatividade como aluno do processo (Soares, 1993).

Este desenvolvimento encontra, hoje, na escola, uma abordagem utilizada que estabelece maiores relações entre os componentes Escola e Conteúdo Cultural Físico

Esportivo, associado aos princípios do conceito de Lazer, já anteriormente anunciado. Torna-se necessário que se estabeleça também que um dos objetivos a serem alcançados pela disciplina Educação Física, hoje, também deve ter como produto final, além da consciência crítico-criativa e do domínio da técnica, a melhoria da qualidade de vida no tempo do envolvimento social, profissional, e no tempo livre.

Não desconsideramos que as atividades corporais foram também desenvolvidas em outras situações sociais como os clubes e as academias de esporte, pois o “processo de educação continuada” ocorreu, e cada vez mais, deve ser implementado pela sociedade. A escola significa, neste momento, um dos mais adequados equipamentos de interação acadêmica, quanto aos aspectos didáticos pedagógicos para os conteúdos do esporte e do lazer a serem adquiridos no processo educativo, refletindo no comportamento das pessoas. Entendendo, assim, que é na escola que deva ocorrer o “duplo processo educativo pelo lazer e para o lazer”, sendo a disciplina Educação Física o veículo de maior acesso para que esta proposta se concretize no universo cultural do desenvolvimento social.

Um ponto muito forte a esse favor, e que deverá ser bastante objetivado e utilizado pelas administrações escolares nas organizações de suas estruturas acadêmicas curriculares atuais, diz respeito à atual Lei de Diretrizes e Bases 9.394, de 1996, na qual deixa grande abertura, quando se refere ao conteúdo da escola para a possibilidade, nas reformas curriculares, dentro dos projetos políticos pedagógicos das unidades de ensino, para poder incluir nas práticas corporais os valores do lazer com seus instrumentos esportivos. Em seu texto original, podemos reconhecer a abertura dada quando é apontado que *“A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa aos cursos noturnos”*. E, no seu artigo 27, item IV, *dos conteúdos curriculares da educação básica, tem como diretriz a promoção do desporto educacional* (que envolve todas as dimensões da prática que se observa na sociedade) *e apoio às práticas esportivas não formais*.

O entendimento do papel da Escola para o desenvolvimento de uma cultura do Lazer é comentado por Rolim (1989) em “Educação e lazer”, através de uma observação

feita no que se refere ao desenvolvimento de atividades que podem ser entendidas como educativas, que surgem fora do ambiente formal. Neste sentido, já anteriormente comentamos sobre o conceito do “formal, informal e não-formal”, de Costa (1988), o que reforça a idéia da existência de uma realidade de propostas através de instituições não educacionais para a educação continuada, que promovem atividades de múltiplas formas objetivando preencher o tempo livre das pessoas.

Ao concordarmos com Rolim (1989) que a cultura de lazer deva ser oportunizada no ambiente escolar como conteúdo, verificamos que muitos fatores são responsáveis pela problemática levantada com relação ao Lazer e a Escola. Observarmos os estudos desenvolvidos por Ayoub (1993) sobre os “Interesses Físicos no Lazer, como Área de Intervenção do Profissional de Educação Física”, o qual atribui o não reconhecimento do lazer como campo de atuação do profissional de Educação Física a dois fatores centrais; o primeiro quanto ao despreparo profissional voltado aos interesses e valores do lazer, o que nos remete ao problema de formação profissional devido ao fato de que o campo do lazer só recentemente ser incorporado como área de estudos e pesquisas nas universidades. Em segundo lugar, é apontado, também, a ausência de uma política de lazer séria e eficiente entre a Escola, a Educação Física e a Comunidade, para que a escola passe a desenvolver a Cultura do Lazer através dos conteúdos da disciplina Educação Física Escolar, estratégia que permitiria ligação da Comunidade aos tempos e espaços livres de instalações escolares.

Envolvido com a convicção de que o Lazer Físico Esportivo continuará cada vez mais colaborando para a ocupação do tempo livre no contexto sócio-cultural, é quase certo que comportamentos indesejados citados por Ramos (1993, p.113), que aponta a fuga de alunos das aulas de Educação Física, sejam substituídos pelo prazer de frequentar as aulas em razão do anúncio dos conteúdos do lazer. A autora comenta que

Um ponto importante e que merece reflexão é que, na realidade, o aluno falta por não considerar a Educação Física importante da maneira como ela vem sendo tratada, não tendo motivação e interesse para essas aulas.

Se realmente valesse a pena, creio que não faltariam tanto ou deixariam mesmo de arrumar atestados médicos.

Pelas referências mostradas, fica evidenciada a relevância da problemática que está sendo abordada. Este trabalho tem a pretensão de desvendar melhor cada elemento das relações existentes entre os fatores considerados chaves para o reconhecimento da importância dos conteúdos disciplinares da Educação Física do Esporte e do Lazer.

Devido a essas considerações, é possível perceber que a situação da disciplina Educação Física e os conteúdos do lazer que estão aqui tratados denotam a falta de entendimento destes valores no âmbito da disciplina. A ausência de discussões sobre essa temática no processo de formação da sociedade, considerando o tempo livre, deve acontecer no âmbito da escola de formação de profissionais, o que acabaria envolvendo o conhecimento e o desenvolvimento de ações relacionadas aos conteúdos do esporte e do lazer.

Apesar dessa constatação, verifica-se que alguns autores têm se preocupado com a Educação Física escolar, voltados para discussão do lazer ou para o desenvolvimento das atividades do profissional de Educação Física.

Reconhecendo essa problemática e apontando o mesmo sentido de crítica à formação profissional oferecida pelos cursos de Educação Física, Moreira, apud. Nista Picollo (1995, p.17), realiza uma investigação no ambiente escolar, tendo como objeto de estudo o fazer pedagógico do professor em aula, observando a aplicação de ações que mostram o desenvolvimento de “valores estruturais”, e, aí, constata a falta de trabalhos voltados para o lazer. Ele declara que:

...apareceu um quadro preocupante da Educação Física Escolar, no qual a ação dos professores converge para um modelo único, dando a impressão de que sua formação é realizada em série, como por exemplo: uma eficiente montadora de automóveis, onde no final da linha de produção temos um produto

acabado, pronto para ser lançado no mercado e com um padrão de comportamento único.

No sentido de evitar essa padronização da prática corporal que se tornam voltadas para apenas os valores do rendimento que são incutidos nos sujeitos, através das práticas físicas, devemos sugerir uma constante modificação no procedimento de se utilizar as ferramentas da disciplina escolar. As modalidades esportivas devem passar por uma constante atualização na sua aplicação, revista e traduzida pelo professor, pois é de grande importância nas suas inter-relações com a sociedade e não apenas serem copiadas dos modelos disseminados pela mídia. O esporte espetáculo tem um significado e o esporte educativo terá outro sentido no tocante aos seus valores, relativos à formação de personalidade, de sociedade e de cidadania.

Devemos considerar as modalidades esportivas como ferramentas, sem privilegiar algumas em detrimento de outras. O fenômeno esportivo tem valores que, certamente, podem interferir na realidade sócio cultural. O comportamento que se pretende aos grupos sociais, família e amigos, devem ser influenciados pelo lado educativo ético e humano do mito esportivo e não apenas pelo seu lado mercantilista. Assim, alguns cuidados deverão ser tomados com relação ao trabalho através de exemplos de influência como componente educativo. Quase sempre estes expoentes da prática estão muito distantes e é necessário critério rigoroso para poderem servir de ferramenta na Educação Física Escolar. Na maioria das vezes se mostra o mito como produto acabado e quase nunca o processo todo de sua formação. Pelegrinotti, (1995, p.111), considera que:

A disciplina Educação Física, dentro do ambiente escolar, necessita urgentemente assumir uma postura mais comprometida com os conhecimentos que são gerados na área para transmiti-los à juventude, possibilitando, assim, aos alunos liberdade para elaboração de trabalhos de vivências corporais.

Sabemos da lógica organizacional da disciplina, relativa aos graus de escolaridade e faixa etária dos alunos, dentro do sistema educacional. Para a fase de aprendizagem é fundamental planejar o desenvolvimento físico com a aplicação dos conteúdos práticos da disciplina, visando a aquisição e desenvolvimento das habilidades básicas e rudimentares, nos primeiros anos de escolaridade, com o intuito de se estabelecer um estado de consciência corporal, traduzido como um vocabulário motor que se adquire para ser utilizado no futuro em posicionamentos frente às relações sociais. Considerando este procedimento e evoluindo mais no processo educativo do movimento físico e social, Pelegrinotti (1995, p.110) faz uma citação, dizendo que:

A Dimensão do Esporte no 2º grau de escolaridade deverá ir muito além de sua prática, simplesmente. É dever do profissional de Educação Física formar atitudes e conhecimentos do Esporte como elemento indispensável para seu estado de ócio.

Este estado de ócio a que se refere o autor é sinônimo de estar no tempo livre, junto ao dia-a-dia do trabalho, elemento pelo qual já reconhecemos sua dinâmica social e valor intrínseco.

Como uma crítica a este estado de descompromisso dos valores do Lazer e de seus Conteúdos Físicos com a disciplina escolar, podemos observar uma realidade social que mostra a questão do exercício físico desenvolvido para utilização no lazer em diferentes lugares. Muitas pessoas se movimentam, andam, correm e pedalam. Estes comportamentos, supõe-se que tenham sido adquiridos não na escola, mas de outras formas. Este fato é também abordado por Pelegrinotti (1995, p.112), onde discorre sobre isso dizendo que:

É muito comum e natural nas áreas de lazer encontrarmos uma multidão de pessoas passeando, fazendo exercícios, correndo e andando, com objetivo de melhorar seu bem-

estar em todas as dimensões humanas. É comum também, o número de pessoas que se exercitam, correm e andam, sem respaldo de uma orientação baseada em conhecimentos acumulados através do ensino da Educação Física. Calculamos que uma grande parcela dessas pessoas tiveram alguma passagem no nível escolar e lamentavelmente podemos concluir que a atividade física praticada não tem nenhuma orientação recebida da disciplina que cursaram.

Somos uma grande comunidade de profissionais de Educação Física preocupados com o conteúdo da nossa disciplina. As universidades brasileiras têm em suas estruturas organizacionais, linhas de estudos e pesquisas voltados para a relação entre a Educação Física, a Escola, os Conteúdos e as Estratégias Disciplinares. Seguramente os valores educativos formativos da Educação Física para o lazer dentro da Escola terão resultados significativos em pouco tempo, beneficiando a todos que dela tiverem oportunidade de participar.

Os participantes da Iª Conferência Brasileira de Esporte na Escola, evento realizado por ocasião dos 18º Jogos Escolares Brasileiros, realizados em 1989 em Belo Horizonte (MG), em carta publicada na revista *Motrivivência* (1989, p.113), denominada de “Carta Brasileira de Esporte na Escola”, concebe que: *o Esporte na atualidade, em suas diversas manifestações, é um dos elementos-chave no processo de permanente educação para o direito individual ao Lazer.*

Assim, podemos constatar que existe uma preocupação com o lazer na visão de diferentes segmentos que manifestam o interesse pelo esporte ligado ou não à área de Educação Física Escolar. E essa temática vem ganhando espaço nos debates feitos pelos profissionais que atuam junto ao Sistema Escolar de Ensino, hoje vigente em nosso país. Esse esforço conjugado é necessário para que se possa mostrar a necessidade real do

lazer, oriunda da evolução do conceito de “tempo livre”, dentro de todas as formas de organização social atualmente reconhecidas.

Para reforçar essa preocupação da existência ou não do Lazer dentro da disciplina escolar, que dependeria da formação profissional em Educação Física, consultamos Tojal (1989), que desenvolveu estudos sobre a organização curricular de diferentes cursos de graduação em Educação Física existentes no Estado de São Paulo. E, em nenhum deles encontrou qualquer manifestação ou preocupação com o estudo do Lazer, o que vem corroborar a nossa posição de que o problema com que nos deparamos poderá estar baseado na falta de informação/formação do profissional que atua na Educação Física Escolar.

Muito dependerá do âmbito das escolas de formação, como grades curriculares que contemplem os conteúdos do lazer para a formação do professor que atuará em favor da disciplina educação física. Esse critério de formação no processo de ensino superior, altamente importante, deverá ter como produto dois tipos de professor que atenderá dois perfis emergentes. O primeiro será de um “professor animador”, responsável por conduzir cada elemento do grupo a ter plena consciência dos caminhos a serem percorridos, respeitando o sujeito em cada etapa de seu crescimento individual e em grupo. O segundo deverá aparecer como um futuro administrador escolar com capacidade de imaginar e organizar o Projeto Político-Pedagógico da escola, capaz de elaborar um documento, implantando um processo de ação-reflexão ao mesmo tempo global e setorizado, exigindo o esforço conjunto integrando a vontade política da comunidade interna e externa. (Veiga, 1995. P.37)

De nada adiantaria um currículo arrojado e renovador, totalmente voltado para as transformações sociais, se seu produto — o futuro professor — não pactuasse com estas constantes renovações, criando formas de lidar com sua clientela, atualizando diretrizes para se atingir o ideal de ética, cidadania, respeito humano, auto conhecimento, alegria e bem-estar social.

Carvalho (1973, p.152) nos auxilia neste momento, através de seu reconhecido trabalho voltado para o desenvolvimento do desporto como “cultura física”, propondo

ações do professor de educação física, denominadas “animação cultural”. Essencialmente ele aponta que:

Na verdade, parece-nos que a ação do professor de educação física como animador sócio-cultural, junto de coletividades populares ou integrado numa ação comunitária mais vasta, é o ponto de partida fundamental de toda uma rede completa de iniciativa de produção cultural, única forma de transformar, de forma essencial, todo conteúdo da prática esportiva habitual.

E o habitual, atualmente, parece ser orientado pelo sistema de produção industrial, pelo mercado das práticas físicas, e a seleção dos melhores para a competição. Estes elementos exercem influência nos interesses dos sujeitos, de forma indireta, através do esporte espetáculo veiculado pela mídia, interferindo na expectativa do sujeito que passa pela escola de formação profissional, refletindo na sua atuação dentro da escola e, conseqüentemente, da comunidade.

Entendemos que a área econômica, com as propostas de desenvolvimento sócio-cultural ligadas ao esporte, tem forte poder de influência nos procedimentos acadêmicos voltados para os conteúdos da disciplina Educação Física. Em outras palavras, estes procedimentos estão sempre ligados às aventuras arriscadas de superação de qualidades físicas como a “velocidade”, a “força” e a “resistência orgânica”, ferramentas de uma atividade espetacular. Não que estas devam ser substituídas, mas de alguma forma, estes valores prevalecem sobre o prazer, a contemplação e o amor à natureza como elementos renovadores e motivantes das práticas corporais.

Uma nova ética do lazer deverá ir ao encontro do romantismo e da contemplação das boas coisas da vida, estando em harmonia com a natureza e não tentando suplantá-la. Deverá perceber e acompanhar a velocidade da natureza, sua constante renovação, sua força que marca presença resistindo às interferências negativas do homem e sua flexibilidade quanto às intervenções das ações humanas nas suas recriações espaciais. Esta

maneira de conviver e valorizar o natural em harmonia com o social um dia poderá exercer alguma supremacia em nosso cotidiano.

Como já vimos anteriormente, o lazer está numa relação direta com o trabalho. Sendo assim, torna-se necessário um sistema que desenvolva mecanismos que venham favorecer a ocorrência do lazer também fora da Escola, nas Fábricas, nos Centros Comunitários, nas Associações de Classe. Acompanhando o raciocínio dos cientistas sociais, que consideram o lazer como um elemento constituinte da Escola, Gelpi refere-se ao modelo de educação brasileiro que tem como um de seus problemas fundamentais a relação existente entre sistema produtivo, sistema social e o sistema educativo, ocorrendo uma prejudicial troca de valores. *De um lado, será necessário introduzir e valorizar, com uma certa prioridade, objetivos sociais, educativos, dentro da experiência produtiva; de outro, seria desejável enriquecer a experiência educativa com experiências sociais e produtivas.* (Gelpi, 1983, p. 127)

No tocante à escola formal, esta se caracteriza pelo compromisso acadêmico, onde algumas vezes ultrapassa seus muros, conforme já visto anteriormente nas palavras de Costa (1988), e atinge a não formalidade. Gelpi (1983, p.129) faz severas críticas ao nosso desenvolvimento educativo neste aspecto mostrando que:

Se a falta de participação no debate pedagógico é um problema que se coloca em vários sistemas educativos, o que choca ainda mais na educação brasileira nos últimos dois anos é a modesta participação da população e das forças sociais ligadas à educação dos adultos e à educação permanente.

Apesar desta colocação ter sido feita já há algum tempo atrás, a participação a que se refere o autor ainda se faz necessária para a escola e a sociedade. Poucas vezes se vê uma colaboração mútua entre o ensino formal e o não formal desvinculada de algum interesse. Desta forma, é possível reafirmar o objetivo deste estudo, ao verificar o motivo pelo qual a atividade física exercida atualmente foi influenciada pelo desenvolvimento de

uma Cultura de Lazer Físico Esportivo, que se iniciou dentro da escola e que agora apresenta uma continuidade da formalidade para a não-formalidade que, pressupomos, ocorria nas décadas de cinquenta e sessenta para as pessoas que hoje podemos observar.

Na informalidade, é possível perceber a Escola que conhecemos hoje passando por modificações e readaptações de sua estrutura de funcionamento. A escola começa a ganhar uma aliada significativa chamada comunidade, tornando-se um grande espaço de múltiplas utilizações para os conteúdos do lazer, inclusive o esportivo, em seus atuais períodos de não-utilização. Esta nova realidade se concretizará com o aumento de políticas de lazer deflagradas por agentes culturais envolvidos nas propostas educativas de ação comunitária oriundos de estruturas públicas, privadas e mistas, ligadas a muitas áreas e, principalmente, à da Educação Física, propondo reconhecer e indicar estratégias de parceria com as Escolas de Formação e das comunidades próximas.

Após a proposta de referenciar o que é importante no tocante à educação física escolar, ao lazer e seu conteúdo esportivo, gostaríamos de chamar a atenção do leitor para os pressupostos deste estudo oriundos do levantamento de dados iniciais que nasceram dessa problemática.

Os ex-alunos que passaram pelo Colégio Estadual ‘Culto à Ciência’ de Campinas, nas décadas de cinquenta e sessenta, possuem conhecimentos suficientes para se utilizarem da prática de lazer físico esportivo, conhecimento adquirido, também, nas aulas de Educação Física.

Estas situações de influência dos conteúdos esportivos da disciplina no comportamento das pessoas, a qual consideramos também em razão de diferentes agentes sociais, mostrava, na época, uma influência da ação escolar mais forte que os outros agentes. Isto em razão da fase de desenvolvimento sócio-cultural do período em questão, ou seja, nos anos de 1955 a 1965, quando os valores da época e o valor da escola também eram mais delineados.

As pessoas que passaram por aquela escola e tiveram a oportunidade de vivenciar os conteúdos da disciplina Educação Física com suas práticas físicas e esportivas, e que, hoje, quando convivem e recebem influência dos “agentes sociais” como família, amigos, meios de comunicação, trabalho, a própria escola e os movimentos organizados como o

“mexa-se” ou “esporte para todos” ou “agita São Paulo”, podem perceber seus valores inerentes e realizar seu consumo com mais consciência de seus significados como também de sua técnica para melhor segurança e propriedade.

As demais instituições sociais, que têm alguma influência no desenvolvimento geral dos sujeitos (família, meios de comunicação, trabalho, grupos de amigos e movimentos organizados), certamente, podem ter mais sucesso na influência, permitindo melhor aceitação e consumo pelos sujeitos depois destes terem passado pelas situações de ensino e aprendizagem, dentro do ambiente escolar, na disciplina Educação Física e nas atividades caracterizadas como conteúdos físicos esportivos do lazer.

O estudo dessa problemática, que envolve o processo educativo formal preocupado com o “tempo livre”, mesmo que subordinado a outros valores como o do trabalho, tem um papel importantíssimo na atual e futura organização social. Devemos valorizar as “atividades culturais físico-esportivas” como conteúdo deste mesmo tempo, tão importante como o tempo ocupado para a produção.

É possível analisar com profundidade a situação encontrada em relação aos ex-alunos do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, relacionada à participação desinteressada porém consciente das práticas esportivas. Para as pessoas envolvidas nos estudos da área do lazer a tradução da expressão “lazer físico esportivo” pode ter grande significado relativo ao comportamento encontrado nas atividades praticadas por esses ex-alunos.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de uma situação encontrada no cotidiano deste pesquisador, ou seja, a observação da participação de indivíduos em atividades consideradas como lazer físico esportivo, constatou-se que todos eles eram ex-alunos de um mesmo estabelecimento escolar em Campinas, o Colégio Estadual “Culto à Ciência”, numa mesma época, e participantes da disciplina Educação Física. Após um levantamento desenvolvido através de revisão bibliográfica a respeito dos conceitos de educação e lazer, encontrados nessa dinâmica social, sentimos necessidade de buscar uma metodologia de pesquisa que pudesse dar conta das necessidades deste estudo.

Como pesquisa qualitativa, é importante que se destaque e analise as questões sociais que se levantam, portanto, chegou-se à conclusão que a metodologia mais indicada seria o estudo de caso, pois este permite que se isole a problemática a ser estudada dentro de um universo menor, possibilitando ainda que se aprofunde e transponha observações que venham a permitir uma melhor conclusão final sobre a situação estudada.

É preciso, inicialmente, que se aponte que o estudo de caso, segundo Goode e Hatt (1968), se mostra eficaz por apresentar uma unidade dentro de um sistema mais amplo e o interesse, neste caso, reside no fato deste estudo se apresentar como único, particular, mesmo que depois venham a ser verificadas semelhanças com outros tipos de casos ou situações.

Nessa condição, consideramos a disciplina Educação Física Escolar do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, pois ela se colocou como caso único dentro do universo da própria escola e, também, como caso único e singular dentro do sistema de ensino público da cidade de Campinas.

Para corroborar essa identificação da metodologia como sendo adequada para este estudo, utilizamos o apoio de Ludke e André (1986), quando citam que a preocupação central ao desenvolver este tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular, na qual o objeto de estudo é tratado como único, uma representação singular da realidade,

que por sua vez é multidimensional e historicamente situada. Dessa forma, cada caso analisado é tratado como tendo um valor intrínseco.

O estudo de caso, no que diz respeito aos seus objetivos, sustenta um propósito duplo, pois, por um lado, tenta-se chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo e, por outro, tenta-se, também, desenvolver noções teóricas mais gerais sobre as regularidades do processo pesquisado em suas estruturas.

Neste estudo, adotou-se a característica indicada por Ludke e André (1986), que, baseando-se em Nisbet e Watt (1978), identificaram três fases: 1ª; fase aberta ou exploratória; 2ª fase, a coleta de dados; e a 3ª, fase interpretação dos dados e elaboração de um relatório.

Assim, na primeira fase deste estudo, o que se pretende é analisar como era o Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas em relação à disciplina Educação Física Escolar, nele aplicada no período entre 1955 e 1965.

Para essa finalidade foi procedido um levantamento documental sobre o programa da disciplina Educação Física ali desenvolvida; depois foi realizada uma entrevista com o professor da disciplina referente ao período indicado, visando verificar como o programa era implementado e, finalmente, optou-se pela realização de uma entrevista com um dos ex-alunos participante da disciplina Educação Física do “Culto à Ciência” daquela época, visando identificar questões importantes a serem constatadas no questionário que seria aplicado em um determinado número de ex-alunos na 2ª fase da pesquisa, o que permitiu a interpretação dos dados como sendo a 3ª fase, e que nos levou a algumas conclusões e constatações com relação ao nosso referencial teórico neste estudo.

Fases exploratórias do estudo.

1ª Fase

1. Na primeira etapa desta fase, instaurou-se uma análise do programa da disciplina Educação Física desenvolvida no Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, no período de 1955 a 1965, através do qual foi possível constatar-se:

1.1 A disciplina iniciava na 1ª série ginásial, hoje 5ª série do ensino fundamental. Nas duas primeiras aulas eram passados conceitos de higiene, tal como constava no manual utilizado, o “Regulamento nº 7” do Método Francês. Nessas aulas eram demonstradas as vantagens da prática da Educação Física e os cuidados que se deveria ter com o corpo antes e depois de qualquer prática esportiva. Eram desenvolvidos, também, ensinamentos sobre hábitos fisiológicos que poderiam levar o organismo a excretar regularmente, em determinados horários do dia, e, também, sobre a vestimenta adequada para cada clima e atividade proposta, além dos cuidados higiênicos e corporais a serem utilizados em locais e ambientes públicos, como chinelos, tamancos, etc. Era ensinado como se conduzir no ambiente escolar e reconhecer a estrutura física e humana da escola. Além disso, nessas aulas era apresentado o organograma da organização escolar que mostrava a situação de hierarquia em sua estrutura, tanto para a escola como para a sociedade, indicando as condições possíveis de respeito e diálogo dentro da escola e no meio social. As aulas traziam sempre informações novas sobre horários de funcionamento, uniformes e seu asseio, o cuidado com o material e o equipamento, a forma de desenvolvimento das aulas, o sistema de avaliação e os objetivos da disciplina e da escola.

1.2 Na organização das aulas constavam várias etapas a serem seguidas. As primeiras eram de preparação, com movimentos de flexibilidade e abdominais e outros elementos de ação corporal. Esses procedimentos eram utilizados nas duas primeiras aulas iniciais, buscando preparar o aluno para o desenvolvimento de outras ações físicas.

1.3 Para este planejamento também era utilizado o “Regulamento nº 7”, com adaptação para o desenvolvimento das atividades que eram divididas em três sessões a cada aula:

- A 1ª sessão chamava-se “preparatória” e era desenvolvida com a prática de exercícios que levassem o aluno a obter o condicionamento adequado para a prática dos exercícios mais complexos.
- A 2ª sessão, denominada de “sessão principal” propriamente dita, era composta por uma atividade com práticas esportivas, nas quais o objetivo do programa era desenvolvido, levando o aluno a obter conhecimentos e habilidades específicas.

- A 3ª sessão, denominada de “volta à calma”, buscava propiciar ao aluno uma condição de retorno às condições normais de descanso, tanto intelectual quanto físico, preparando-o para que pudesse dirigir-se a outras atividades cotidianas.

1.4 No programa da Educação Física do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, constava uma certa divisão do conhecimento junto com o desenvolvimento de habilidades. Este procedimento se dava em temporadas compostas de modalidades esportivas, partindo sempre das modalidades individuais mais simples, adequadas à idade e capacitação dos alunos, para as mais complexas, que dependeriam de um envolvimento mais elaborado, levando o grupo a desenvolver, além das habilidades práticas de cada esporte, o respeito às próprias limitações e às de seus parceiros, bem como, o respeito à hierarquia e às regras determinadas, como também, outras construções estabelecidas pelo grupo, o que representava sempre o desenvolvimento de mais elementos para colaborar no estabelecimento de uma cultura social.

1.5 O objetivo declarado nesses programas da disciplina Educação Física da escola analisada era o de levar o aluno a obter conhecimento sobre as diferentes opções de participação esportiva, a reconhecer seus direitos e deveres em grupo, aceitar suas próprias limitações, como também, a respeitar as limitações de seus companheiros, e, assim, poder obter em sociedade um melhor desenvolvimento bio-psico-social.

Ainda como parte dessa 1ª fase exploratória, passamos a desenvolver a segunda etapa, com a realização de uma entrevista com o professor da disciplina Educação Física do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, professor Pedro Stucchi Sobrinho.

A entrevista com o professor Stucchi, como era conhecido da escola, foi desenvolvida com característica semi-estruturada, uma vez que a história de vida do entrevistado se misturava em grande parte com a disciplina focalizada e, portanto, segundo Bogdan (apud Triviños 1987), pode ser considerada como uma parte da metodologia de estudo de caso, denominado história de vida.

O professor Stucchi contou que começou a trabalhar no “Culto à Ciência”, em 1951, e se viu diante de uma enorme responsabilidade, diferente dos outros colégios pelos quais havia passado em outras cidades. Vindo de localidades menores, com organizações

mais simples, notou o corpo docente deste colégio composto por pessoas de renome nacional e até internacional, sendo reconhecidos pelos arrojados e modernos métodos de ensino que praticavam.

Essa situação o motivou a organizar uma programação que desse outra conotação à disciplina, configurando um sentido mais acadêmico ao trabalho com o movimento corporal e multidisciplinar dos discursos técnicos da Educação Física, utilizadas na época, levando-a aos moldes das demais disciplinas. Isto fez com que a matéria ganhasse uma certa ascendência no universo cultural acadêmico pela qual a área de conhecimento disciplinar existia até então.

Ao considerar a nova realidade profissional na escola em que se encontrava e diante da existência de turmas heterogêneas de alunos, tanto em relação à faixa etária, como os biótipos diferentes e estágios de conhecimentos variados, o professor Stucchi entendeu que a melhor estratégia seria o Método Francês, com o “Regulamento nº 7”, através da aplicação de temporadas de modalidades esportivas.

Dessa maneira, passou a dividir o ano letivo em quatro períodos, a saber: 1ª temporada de março a abril; 2ª temporada de maio a junho; em julho, férias escolares; 3ª temporada de agosto a setembro e 4ª temporada de outubro a novembro. Em cada uma dessas etapas era desenvolvido o ensinamento de uma modalidade esportiva, e em algumas ocasiões desenvolvia-se a modalidade de natação, para a qual era utilizada a piscina do Parque Portugal (Lagoa do Taquaral) que pertence à Prefeitura Municipal de Campinas, sendo geralmente utilizados, para as temporadas, os meses quentes do ano, março, abril, outubro e novembro.

O professor Stucchi relatou o fato de que, após terem passado por estes procedimentos de contato e aprendizagem de diferentes modalidades esportivas, os alunos acabavam incorporando novas informações em relação às práticas esportivas e às diversas possibilidades de utilização do conhecimento adquirido, uma vez que significavam novidades em matéria de práticas físicas, corporais e sociais, demonstrando assim o reconhecimento de resultados práticos na vida dos alunos.

Comentou também o professor Stucchi que, além do fator da aquisição de muitas habilidades adquiridas nas novas práticas dadas em aula que serviriam de atividades

formativas na integralidade dos alunos, estas atividades acabavam desenvolvendo uma cultura de manutenção de saúde, que futuramente poderia ser utilizada no dia-a-dia de cada um, em momentos de “tempo livre”, sem que o significado desta expressão tivesse ficado explícita nas abordagens dos conteúdos durante as aulas.

A formação de equipes representativas do colégio nas diferentes modalidades esportivas, visando a participação nos eventos esportivos locais e regionais trouxe outro benefício nesse processo cultural, criando oportunidades de convivência mais intensa. Para que o aluno pudesse fazer parte do grupo representante do colégio era pré-requisito um bom domínio das habilidades das modalidades em questão; porém, esse procedimento seletivo, logicamente, só acontecia depois que todos já tivessem passado pelo processo de aprendizagem e tivessem adquirido os conceitos da disciplina.

Nessa oportunidade, o professor Stucchi começou a utilizar o futebol de salão, modalidade esportiva nova naquela época, que conheceu e estudou num curso de férias (curso de reciclagem), novidade vinda do Uruguai, e que se tornou uma “erva daninha”, segundo suas próprias palavras, pois, depois de aprenderem como se jogava, todos só queriam praticá-la, deixando de lado outras modalidades, o que forçou sua retirada do leque de esportes oferecidos na disciplina, por razões inclusive de natureza pedagógica.

Todos os alunos do “Culto à Ciência” tiveram oportunidade de passar pelo processo de aprendizagem dos movimentos corporais relativos às várias modalidades esportivas escolhidas, tanto para sua cultura corporal imediata, entendida como o movimento utilizado para todas as finalidades que a Educação Física desenvolvia em seus objetivos higiênicos, disciplinares, formativos, como também pela oportunidade dos alunos se submeterem a uma experiência de competitividade, representada pelas equipes formadas para participar dos diferentes eventos esportivos, nas diferentes modalidades.

Deve-se enfatizar o fato da disciplina conseguir formar equipes representativas da escola; oferecer, além das aulas, períodos de treinamento mais intenso que permitisse a participação em eventos especiais comemorativos; que todos saíssem da escola com boas noções de práticas das modalidades esportivas aprendidas na disciplina. Assim, todos poderiam se utilizar, sempre, de algumas delas como vôlei, basquete, futebol, handebol,

natação, ginástica olímpica. “Pelo menos quatro delas todos sabiam praticar”, segundo palavras do professor Stucchi.

Naquela época, muitos eventos de natureza cívica eram promovidos pelas escolas oficiais. Isso permitia a participação dos alunos em campeonatos esportivos, desfiles comemorativos e outros mais. O Colégio “Culto à Ciência” sempre foi vencedor em muitos destes eventos, atraindo a atenção da população estudantil, motivando-os a buscar a condição de aluno daquela instituição educacional.

Para poder ser aluno dos colégios oficiais, inclusive do “Culto à Ciência”, era necessário passar por exame de seleção, que era realizado ao final do quarto ano primário do período escolar e, no Culto à Ciência, iniciava no quinto ano ou primeiro “ginasial”, segundo a legislação da época. “Primeiro, segundo, terceiro e quarto ginásial” e depois “primeiro, segundo e terceiro colegial”, cursos “clássico” ou “científico”. O curso primário deste colégio foi criado posteriormente e para abrigá-lo foi construído, em anexo ao “Culto à Ciência”, um outro prédio, então denominado Colégio “Santos Dumont”.

Seguindo na entrevista com o professor Stucchi, este nos esclareceu que o programa da disciplina havia sido orientado pelo “Regulamento nº7”, e suas aulas programadas pelo “Método Francês”, que continha “provas práticas” que duraram até um determinado momento, quando, num curso de reciclagem, o professor Augusto Listello, da França, indignou-se com o fato de, no Brasil, ainda estar se utilizando do método acima citado e que, na França, aquela metodologia estava ultrapassada e havia sido modificada para o Método “Educação Física Desportiva Generalizada”. Este fato veio causar uma transformação geral na maneira de se planejar a disciplina Educação Física Escolar, provocando uma certa “generalização descontrolada”. Essa modificação se iniciou na cidade de São Paulo e se espalhou por todo o estado.

Com relação a este fato, analisando documentação apresentada pelo professor Stucchi referente à regulamentação dos procedimentos da metodologia para a disciplina “Desportiva Generalizada”, um documento nos chama a atenção: trata-se de um boletim da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo, por parte de seu Departamento Técnico, com o título - “Vulgarização da Educação Esportiva”, por MM. Listello e Dudal, do quadro do I.N.S., com a seguinte introdução:

Sob o título supra de “Vulgarização da educação esportiva”, oferecemos aos nossos colegas uma aula padrão de EDUCAÇÃO FÍSICA ESPORTIVA, publicada na “Revue de L’Institut National des Sports - nº 2 - Novº 1947”, traduzida pelo prof. Francisco Pereira da Silva, com revisão do prof. Vicente Caseli Carvalho. A aula completa, de educação esportiva, está dividida em cinco sessões e tem por finalidade precípua, preparar o indivíduo para a prática esportiva, em geral, e do esporte escolhido para completar a aula, em particular. Desenvolve-se em constante movimentação - em marcha lenta ou em pequenas corridas compassadas -, dando à aula um caráter essencialmente ativo. Sua finalidade de colocar o indivíduo imediatamente em contato com a prática esportiva não visa, contudo, o seu preparo técnico aprofundado na execução dos esportes ministrados em cada aula. Sendo eminentemente prática e ativa, a aula de educação esportiva é aplicável a todos os indivíduos, de ambos os sexos, e de todas as idades, dado seu caráter vivo e recreativo.

Na análise da essência do enunciado deste documento, nota-se que o autor tem notável preocupação com o aspecto recreativo da atividade, chamando a atenção não para o aprofundamento técnico da modalidade em questão, e sim, para o lado formativo do esporte, o que reforça o principal objeto de estudo deste trabalho.

O documento acima citado tem relação com os cursos de reciclagem de professores organizados pelo estado, e um fato curioso e importante citado pelo professor Stucchi que exerceu uma influência marcante no seu procedimento docente, foram os

curso que então aconteciam para que os professores tivessem oportunidade de rever seus procedimentos didáticos, através de palestras ministradas por professores de várias nacionalidades que traziam experiência de outras culturas e outras maneiras de pensar à disciplina Educação Física. Esses professores geralmente eram russos, japoneses, italianos, americanos, franceses e também argentinos e uruguaios, que se mesclavam aos profissionais brasileiros. Os professores de modalidades esportivas, na maioria das vezes, eram brasileiros e os que ministravam cursos de ginástica e de educação física aplicada eram professores estrangeiros.

Pelas suas experiências anteriores, o professor Stucchi sempre teve que se adaptar aos locais e instalações que as escolas ofereciam e, neste caso, contou que naquela época, os colegas tinham que se adaptar à realidade de espaços e equipamentos que sua escola oferecia e também à cidade a que seu colégio pertencia. Segundo ele, haviam professores que somente trabalharam com uma modalidade esportiva, por muitos anos, em razão da estrutura de instalações e materiais que somente permitiam a prática daquela modalidade. “Eu tive colegas que só davam basquete e colegas que só davam futebol” — portanto, uma educação física esportiva não generalizada.

Naquela época, a Delegacia Regional de Esportes, um órgão da Secretaria de Esportes e Turismo do Ministério da Educação e do Desporto, era administrada de forma a controlar e reconhecer o trabalho que se desenvolvia nas instituições de ensino, realizando visitas periódicas nas escolas para verificar o trabalho do professor de Educação Física. Tudo era registrado em relatório feito pelo inspetor, que se reportava à instância superior no sentido de uma organização maior. No Estado de São Paulo, a fiscalização era feita pelo próprio Departamento de Esportes.

O professor Pedro Stucchi Sobrinho entendia o valor da Educação Física na época e considerava que os ex-alunos do colégio poderiam ser pessoas importantes de serem ouvidas neste estudo, o que certamente viria complementar o resultado de um período significativo da Educação Física vivida no “Culto à Ciência”.

Voltando à pesquisa realizada, como já era nossa intenção e aceitando a colocação do professor Stucchi, a 3ª etapa desta 1ª fase exploratória seria desenvolvida através de uma entrevista temática estruturada com um ex-aluno do Colégio Estadual “Culto à

Ciência” de Campinas que vivenciou e participou da disciplina Educação Física Escolar ali desenvolvida, e que atualmente é assíduo praticante de atividades físicas esportivas em seus momentos de lazer. A entrevista foi gravada em fita magnética utilizando-se de um gravador.

A temática utilizada para a condução das respostas correu por conta do resgate de um período passado de escolaridade do entrevistado, e assim pôde discorrer sobre os temas apontados. Foram utilizadas as seguintes perguntas:

1. Fale do período escolar de sua vida referente ao tempo de “ginásio”.
2. Fale do período escolar correspondente à fase em que era submetido aos conteúdos da disciplina Educação Física.
3. Discorra sobre o conteúdo dessa disciplina. Como eram as aulas? Quais eram os objetivos das atividades?

Respostas:

O entrevistado iniciou seu depoimento falando sobre o período escolar em questão e, já de início, constatou uma hipótese levantada anteriormente por nós de que, hoje, a sua impressão é de que a disciplina Educação Física Escolar não está funcionando da mesma forma que em épocas anteriores e que o professor era um grande motivador de atividades corporais para execução de determinada tarefa não importando em que nível se encontrava o aluno.

Outro ponto citado pelo entrevistado na mesma questão é a de que seus pais não tinham nenhum poder de informação referente a esportes que o motivasse a participar das aulas de Educação Física, a não ser visão global da educação dada pela própria escola. O colégio incentivava a participação.

Hoje, ele afirma que dependeu dele, como pai, incentivar seus filhos a participarem das práticas esportivas. No período de crescimento de seus filhos, ele se esforçou para que o movimento corporal estivesse presente, pois se dependesse do colégio em que os filhos estudavam, nada disso aconteceria, porque atualmente ocorrem muito menos chances de

participação nos eventos escolares para os alunos do que na época de seus estudos no “Culto à Ciência”.

Neste ponto, o entrevistado citou fatos que aconteceram e que propiciaram momentos de convivência esportiva, participando de eventos importantes no cenário estudantil da época e que, hoje, também, não são mais realizados.

“Naquela ocasião, havia atividades organizadas em torno de algumas modalidades esportivas e que davam condição de todos participarem, independente do nível em que se encontravam cada um de nós. Os melhores de cada modalidade tinham a incumbência de liderar o grupo, de forma a distribuir todas as forças que havia dentro da turma, da classe. Os considerados mais fracos eram motivados a participar com os mais fortes no mesmo objetivo”.

“As aulas de Educação Física eram dadas no período diferente do horário das outras disciplinas, para que não atrapalhasse o envolvimento nas propostas”.

“A cada mês o professor trabalhava um modalidade esportiva. Uma coisa que achei muito válida, no “Culto à Ciência”, neste período, foi que eu aprendi a jogar basquete porque eram feitos torneios entre nós. Numa ocasião, nos Jogos Abertos, o time de vôlei da cidade veio fazer um jogo conosco como treinamento e, como nós já estávamos jogando há algum tempo, pudemos oferecer alguma resistência ao time das moças”.

O entrevistado também nota o fato de que a impressão que se tem sobre a Educação Física, é de que naquela época os professores tinham uma paciência maior para trabalhar a fundo cada proposta e com alunos que não apresentavam nenhuma facilidade para aquelas modalidades. Eles não estavam em busca de valores esportivos.

“Eu nunca iria ser um jogador de vôlei, mas eu era valorizado e, por essa valorização, eu gosto de jogar vôlei hoje, com minha idade (53 anos), com meu tamanho, com meu filho, minha filha. Eu percebo que tenho muito mais agilidade para o vôlei do que eles, que estão numa idade de vinte e poucos anos e que teriam que ter obrigação de ter mais habilidades. Acho que este fator se deve ao fato de termos tido uma educação física muito boa e que nos propiciou sermos assim como somos hoje”.

O esporte na escola era feito através de uma motivação muito grande. Isso fazia com que os alunos se empenhassem e valorizassem as atividades da disciplina escolar: “Não fosse aquela educação física da escola, eu não teria oportunidade de aprender outras modalidades esportivas como o vôlei, o atletismo e o futebol de salão”.

A cultura esportiva daquela época dependia exclusivamente do contexto do desenvolvimento social escolar, como “conteúdo cultural” de responsabilidade da escola formal. As outras instituições, como os clubes associativos, não tinham capacidade técnica, didática nem pedagógica para trabalhar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos físicos que se supõe existir hoje. Essas associações apenas ofereciam seus espaços para a prática de atividades físicas somente como um oferecimento de espaço físico. Exceção feita apenas a algumas modalidades individuais, como a natação e o tênis de campo. Em 1966, não havia escolinhas de modalidades esportivas nos clubes.

“Uma coisa que me marcou muito foi que nós tínhamos uma avaliação a cada seis ou três meses, não me lembro bem, em que cada aluno tinha a sua ficha, que era guardada na secretaria, e o aluno era medido de todas as formas e era feito um teste de resistência. Então tinha a “barra fixa”, tinha a “flexão”, “abdominais” eram, mais ou menos, uns dez tipos de testes a serem feitos. Nesta proposta, era uma guerra para a gente ser o campeão de tudo que era feito ali. Na barra eu fazia vinte repetições, mas havia um japonezinho que fazia cinquenta, sessenta repetições. O abdominal, eu consegui fazer duzentos, eu tinha uma facilidade tremenda. Depois que todo mundo ia embora, e já era quase hora de almoço e nós íamos entrar em aula às 13 horas e eu fazia abdominais até não agüentar mais, pois minha ficha tinha que ser a melhor de todas”.

O entrevistado interpreta o fato de ter que fazer testes práticos como uma estratégia boa para se trabalhar o condicionamento físico, aparte às atividades esportivas. Chega a creditar a esse procedimento o fato dele não ter adquirido nenhum hábito que depreciaria seu físico e para que pudesse render o máximo possível nos testes físicos feitos na disciplina Educação Física Escolar.

“A aula, antes da recreação, era dividida em duas partes. A primeira metade era uma aula de educação física, propriamente dita, de exercícios que eram passados para a gente. O professor de educação física ficava na frente, ele fazia e você tinha que

acompanhar, isso pela metade da aula. A outra metade era desenvolvida com modalidades esportivas e cada período de dois meses era dedicado a um tipo de esporte. Nós passávamos a conhecer todas as regras, e todo conhecimento sobre o esporte dado. Todos os fundamentos, movimentos e como jogá-lo”.

Um fato interessante para este trabalho, citado pelo entrevistado, foi de uma experiência que teve quando participava de um determinado clube associativo; a proposta era do grupo se utilizar de uma modalidade esportiva, porém em razão de mau tempo, os participantes ficaram impossibilitados da prática, levando-os a buscar outra alternativa. Nesta outra prática, alguns se mostraram conscientes do que se poderia fazer, mas com muito pouca capacidade técnica, enquanto que o entrevistado, que havia passado pela aprendizagem vivenciada na Educação Física Escolar, pôde tirar o máximo proveito.

2ª Fase

Coleta de dados.

A segunda fase exploratória deste estudo foi desenvolvida através da aplicação de um questionário tipo formulário, que foi respondido por ex-alunos do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, que participavam da Educação Física ali desenvolvida no período entre 1955 e 1965, através de uma amostra não probabilística, estruturada por acessibilidade e por significado, segundo Bruyne et alli (1991), os quais foram abordados quando participavam de festejos comemorativos dos 125 anos de fundação daquela instituição de ensino, e portanto, não se sabia se praticavam ou não atividades físicas de alguma forma. Foram deixados quinhentos questionários na entrada do evento comemorativo de forma facilitada à visualização e preenchimento do mesmo. Trinta e cinco pessoas responderam o questionário, sendo dezesseis do colégio “Culto à Ciência” de Campinas.

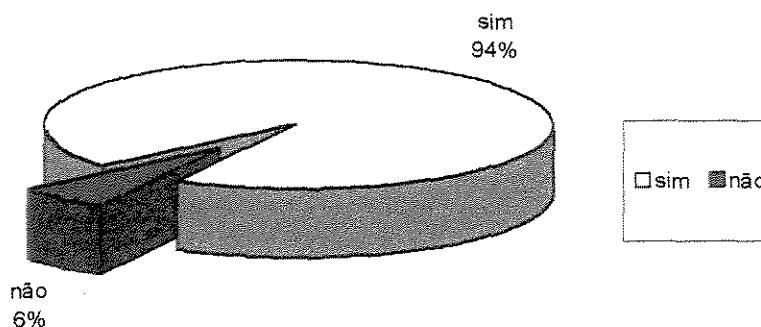
Esse questionário teve como objetivo levantar dados referentes à participação dos ex-alunos no processo e verificar se os conteúdos desenvolvidos pela disciplina Educação

Física Escolar praticada no período de frequência no ensino ginásial e secundário teve alguma influência na prática de atividades físicas de lazer utilizada hoje.

O questionário aplicado foi composto de quinze questões; sendo doze questões fechadas que procuravam identificar as razões da participação ou não em práticas esportivas; e três questões abertas, visando levantar quais os conceitos que possuem sobre a Educação Física e a prática das atividades físicas e lazer físico esportivo. (vide anexo)

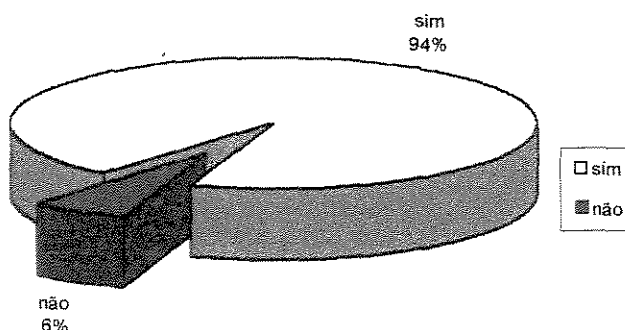
Os dados coletados através do questionário utilizado, conforme descrição acima, foram transportados para planilhas do EXCEL, quantificados os sujeito e as respostas dadas, atribuindo-lhes percentuais e transformado-os em gráficos no formato de “pizza”, numerados de 01 (um) a 16 (dezesesseis).

GRÁFICO 1 - Participação dos alunos nas aulas de Educação Física.



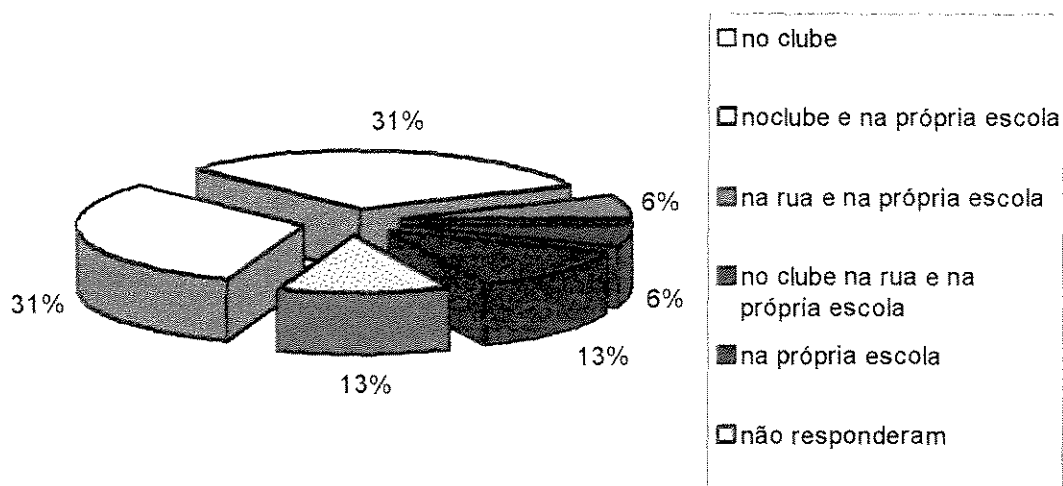
Dos ex-alunos participantes da pesquisa, apenas o equivalente a 6% não tiveram participação nas aulas de Educação Física, o que representa um aluno que indicou estar no exército, o que, provavelmente, o dispensava das aulas. A quase totalidade dos ex-alunos, 94% deles, representam os participantes das aulas em todas as atividades.

GRÁFICO 2 - Praticava outra atividade física além das aulas.



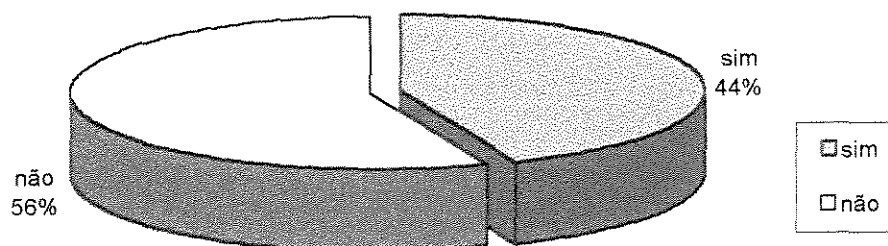
Este gráfico mostra que a maioria dos ex-alunos realizava outras atividades, sendo que apenas 6% deles não praticava nenhuma atividade fora da aula de Educação Física. Esta informação é uma variável interveniente para mostrar a influência isolada da Educação Física Escolar na prática das atividades físicas.

GRÁFICO 3 - As atividades eram praticadas nestes locais.



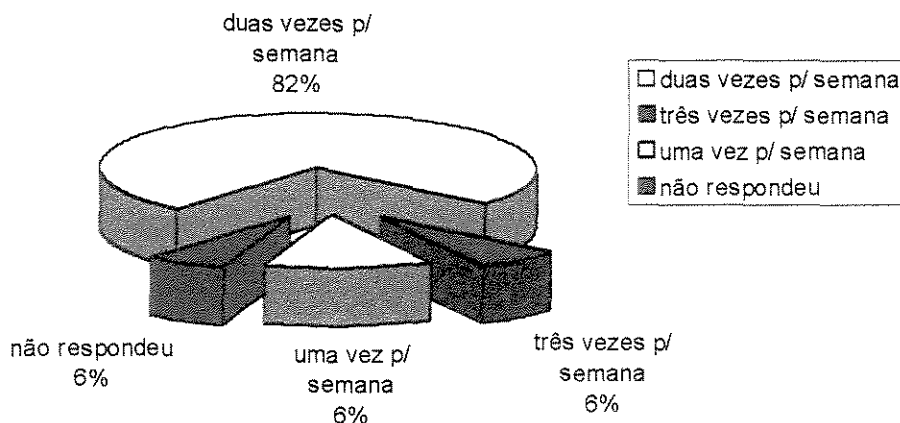
A própria escola, fora do período da aula, foi o principal local da prática de atividades. Ela está integrada com a prática no clube sócio esportivo e também com a rua. Dos 16 entrevistados, 87% são praticantes e 13% não responderam. 68% deles praticavam na escola no clube e na rua; 37% praticavam esportes somente no clube ou na rua; 31% praticavam somente no clube; 13% praticavam somente na própria escola; e, 12% praticavam na rua e na própria escola.

GRÁFICO 4 - Fora da escola as atividades eram dirigidas por professor.



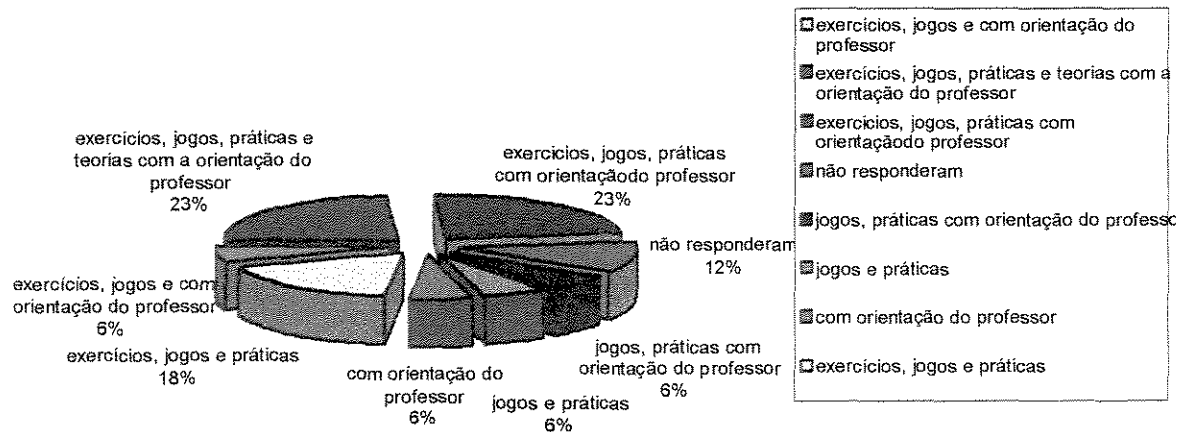
Os ex-alunos em sua maioria com pequena diferença (56%) não tiveram orientação por profissional de Educação Física fora das aulas. Na época em que passaram pelo processo educativo, os clubes sócio esportivos da cidade de Campinas não apresentavam estruturas de “escolinhas de esporte” sistematicamente organizadas para oferecer atividades esportivas que visassem a aprendizagem de forma educacional e, sobretudo, com ênfase nos aspectos da prática do tempo livre. Apenas ofereciam seus espaços para as práticas desinteressadas, sem nenhum tipo de orientação. A rua era um lugar de muitas possibilidades de criação e aventuras. Não havia nenhuma orientação para o lazer nos espaços públicos.

GRÁFICO 5 - Número de aulas por semana.



Este gráfico mostra o número de vezes que os ex-alunos participavam as aulas de Educação Física durante a semana. As aulas eram ministradas duas vezes por semana, entretanto, uma pessoa respondeu que participava por três vezes, possivelmente fazia parte da equipe de treinamento, fora do horário de aula, ou então, gostava muito do ambiente da escola, e lá voltava outras vezes, além das aulas oficiais. Um outro ex-aluno respondeu que participava apenas uma vez por semana. Na época, como ainda existem hoje, havia casos de dispensas das aulas, por vários motivos, o que pode ser a causa da participação em apenas uma aula.

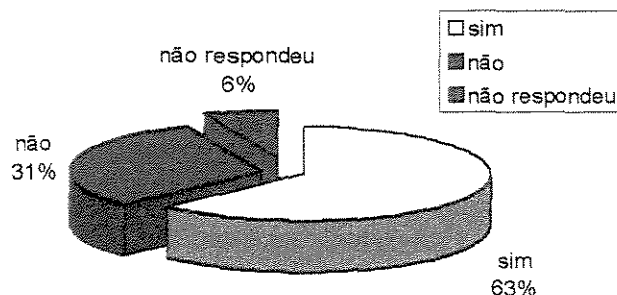
GRÁFICO 6 - Os conteúdos das aulas de Educação Física.



Neste gráfico, pode se observar os diversos temas pelos quais os conteúdos das aulas eram desenvolvidos. “Jogos” é o conteúdo de maior utilização, pois aparece combinado com os exercícios, fundamentos práticos e teóricos com orientação do professor, 82%. O conteúdo seguinte de maior aparecimento foi o “exercícios”, combinado com as outras atividades, 70%.

Até um determinado período, as aulas da matéria Educação Física foram pautadas por métodos importados da Europa como modelos ideais para a proposta de homem brasileiro. A partir de uma determinada data, o professor Stucchi passou a se utilizar do método “Educação Física Desportiva Generalizada” (Rocha Ferreira, 1999, p.133) que visava a utilização das modalidades esportivas como elemento norteador de outras propostas. Até então o sistema brasileiro se mostrava extremamente eclético em seus conteúdos pedagógicos.

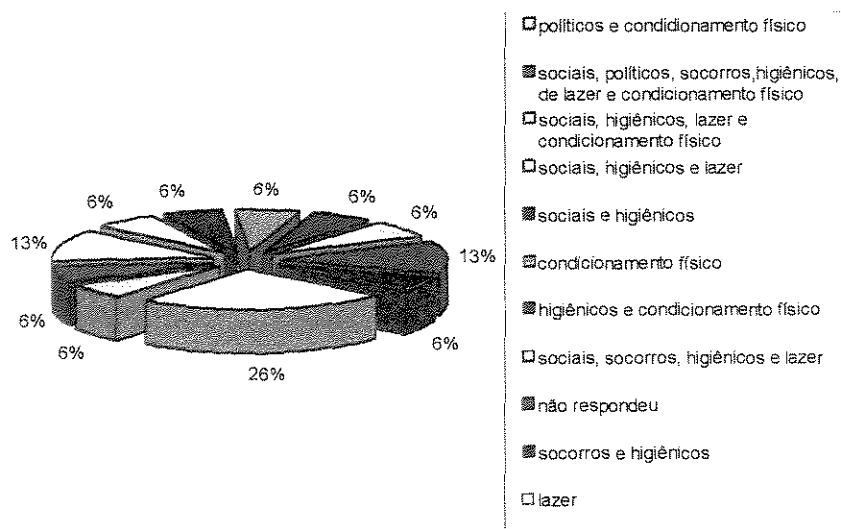
GRÁFICO 7 - Os conteúdos além dos esportes.



O professor Stucchi abordava outros conteúdos além dos físicos esportivos, segundo a maioria dos ex-alunos que representou 63%. 31% indicou que o professor não abordava outros conteúdos e 6% não respondeu.

Na entrevista concedida para a este trabalho, o professor Stucchi informa que muitas aulas aconteciam de maneira informativa, versando sobre elementos de higiene, tratos com o corpo, como também elementos de ética das relações dentro do grupo organizacional da escola, colegas, funcionários, professores, direção, que refletia no comportamento dos alunos em seu dia-a-dia dentro da escola e nos outros lugares com os grupos de sua convivência.

GRÁFICO 8 - Os conteúdos.

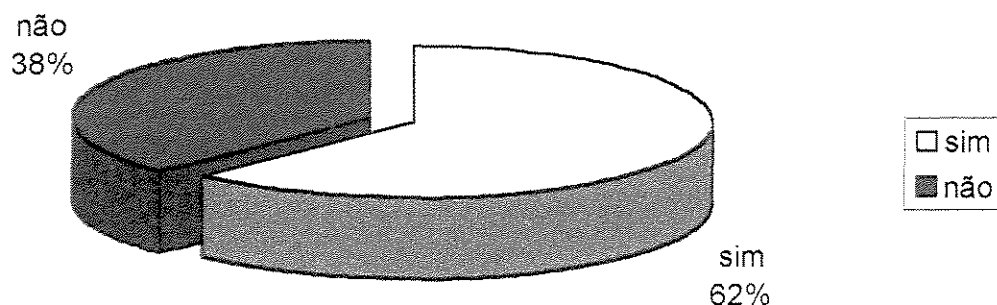


63% dos entrevistados informaram sobre os conteúdos temáticos que o professor Stucchi utilizava nas aulas. Estes conteúdos apresentavam uma certa combinação, e dentre essas combinações, a categoria “lazer” é a de maior frequência isolada.

A categoria de conteúdo relacionado aos hábitos de “higiene” sempre foi assunto de destaque, com sua devida importância, pois advém das propostas tradicionais da Educação Física em sua origem. Mesmo não declaradamente, o professor Stucchi trazia em seus discursos elementos da ideologia higienista da disciplina que, de uma certa forma, mantinha elementos da classe médica com traços dessa antiga cultura. Essa categoria tem uma incidência de 49% em parceria com as outras categorias.

O “condicionamento físico” como categoria também tem algum espaço nesta amostragem, 37% associado também a outras categorias.

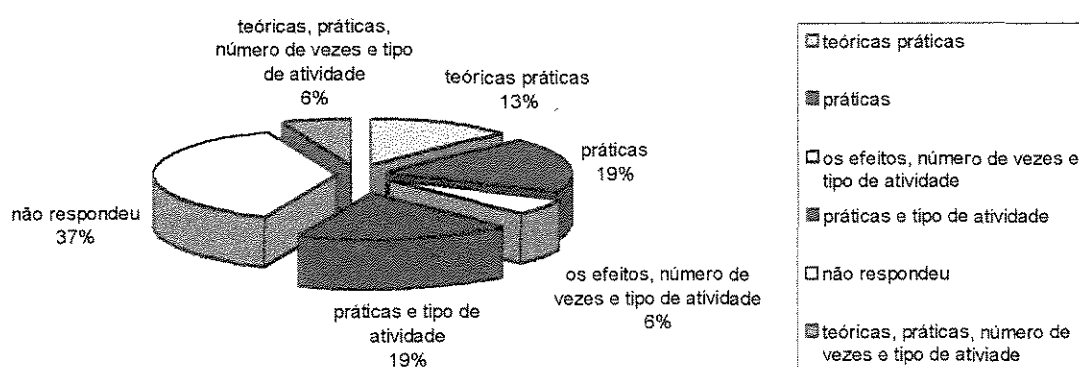
GRÁFICO 9 - Orientação de prática de atividade física fora do horário de aula.



O gráfico 9 mostra as repostas das pergunta que se referia a orientação para prática de atividades físicas fora das aulas oficiais. 62% dos alunos responderam que havia orientação para tais atividades e 38% responderam que não. Estas informações indicaram ter havido orientação para as atividades, os quais são elementos fundamentais para a estruturação da educação para o tempo livre. Na época, os conteúdos eram entendidos mais como uma proposta de especializar os sujeitos para que voltassem para a próxima aula mais adaptados ao movimento corporal uma vez que, o professor Stucchi utilizava essas orientações e isso se tornou elemento importante para as suas práticas atuais. Pode-se observar hoje que aqueles elementos estão presentes, no dia-a-dia, dos ex-alunos, em suas práticas físicas, como cultura adquirida no processo educacional das vivências nas aulas.

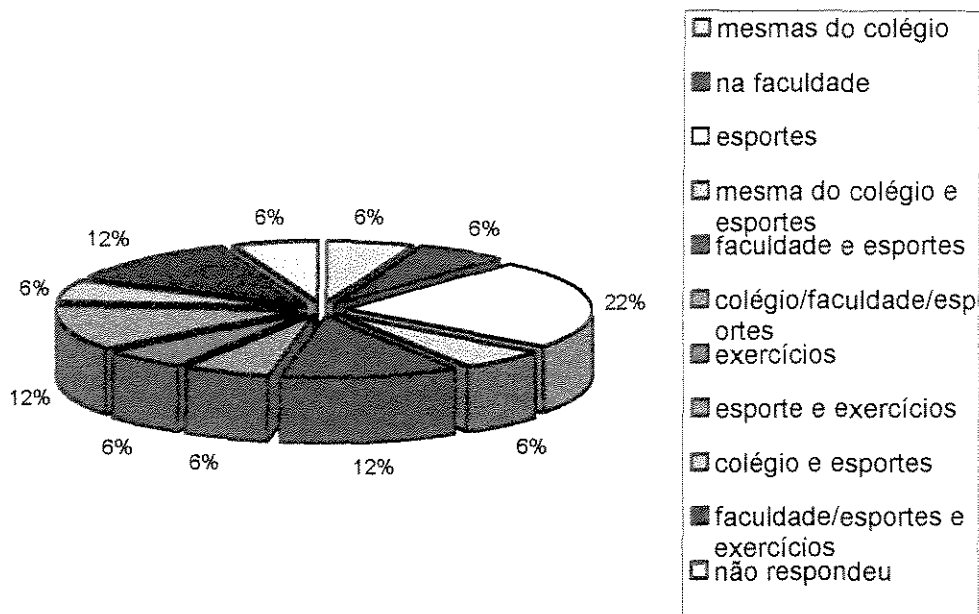
Na entrevista piloto com um dos ex-alunos do colégio "Culto à Ciência" inicia um de seus depoimentos se referindo ao procedimento do professor Stucchi no sentido de motivar as atividades corporais, não importando em que nível se encontrava o aluno para a execução das tarefas.

GRÁFICO 10 - As orientações.



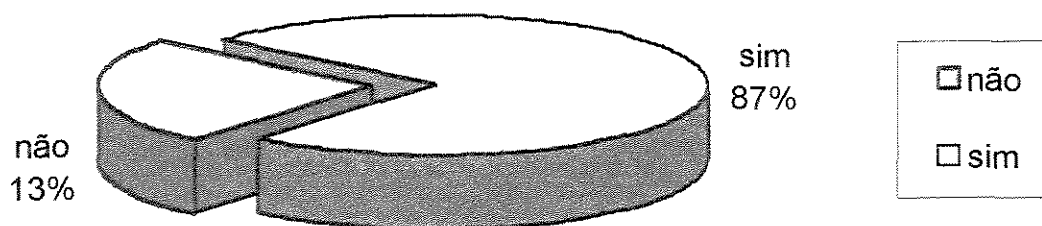
As orientações dadas aos alunos variavam: por conta de conteúdos teóricos 25%; tanto conteúdos teóricos como atividades práticas 25%; somente atividades práticas 63%.

GRÁFICO 11 - As práticas esportivas que se mantiveram depois do colégio.



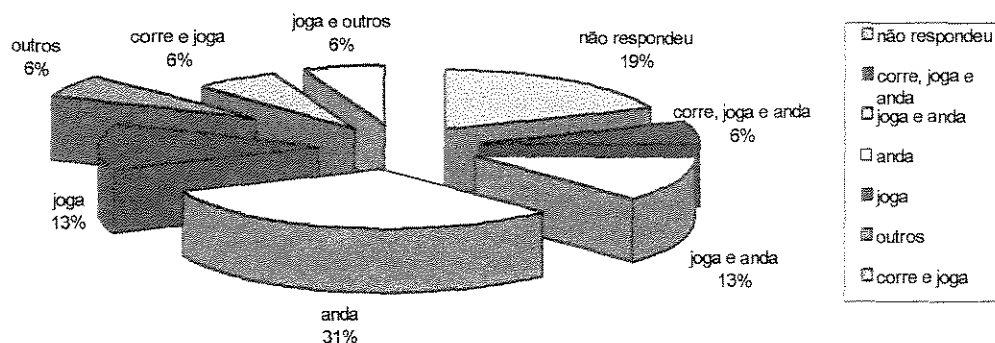
Esse gráfico mostra o quanto de influência os conteúdos utilizados pelo professor Stucchi, durante a estada do aluno no colégio, exerceram na sua prática da época e também depois de terminado o período colegial. O conteúdo cultural “esportivo” aparece isoladamente com valor quantitativo de 22% dos ex-alunos. Junto com o “esporte praticado na fase de ensino superior”, este também aparece com 6%. Os “exercícios” que foram ensinados nesta mesma fase são grandemente indicados em todas as esferas de convivência com uma somatória de 18%.

GRÁFICO 12 - Atualmente praticam esportes.



Das respostas afirmativas este gráfico mostra a porcentagem de ex-alunos 87% que continuam praticando atividades físicas depois de formados no “Culto à Ciência”, possivelmente influenciados pelo programa de atividades da escola. 14 ex-alunos responderam que praticam atividades. Dos não praticantes, 2 ex-alunos, a falta de tempo foi o único argumento levantado.

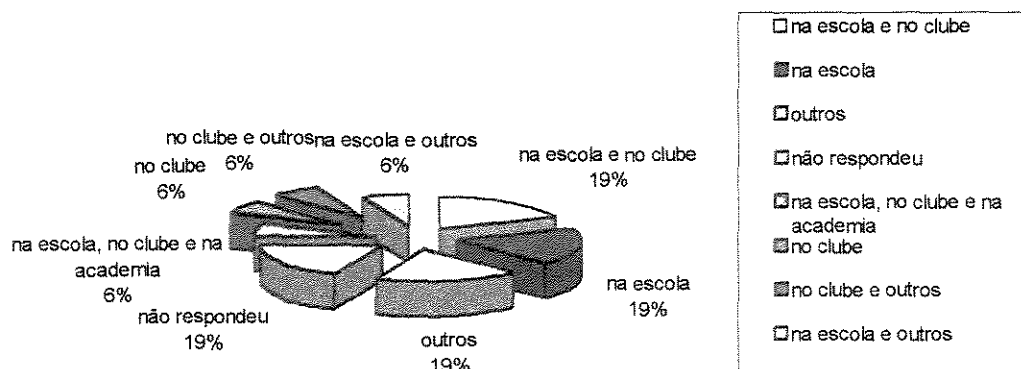
GRÁFICO 13 - Atividades que pratica.



Dentre todo o universo de ações para o desenvolvimento cultural das prática física de lazer e esporte indicadas pelos ex-alunos podemos encontrar que, os “jogos” a “corrida” e a “caminhada” ficaram como atividades que são utilizadas hoje pelos ex-alunos. A caminhada foi apontada por 31% dos entrevistados, lembrando que é uma atividade física que permite muitas alternativas de prática e de locais. Depois vem o “jogo” que associado a outras atividades perfaz 44% e a corrida com 12%.

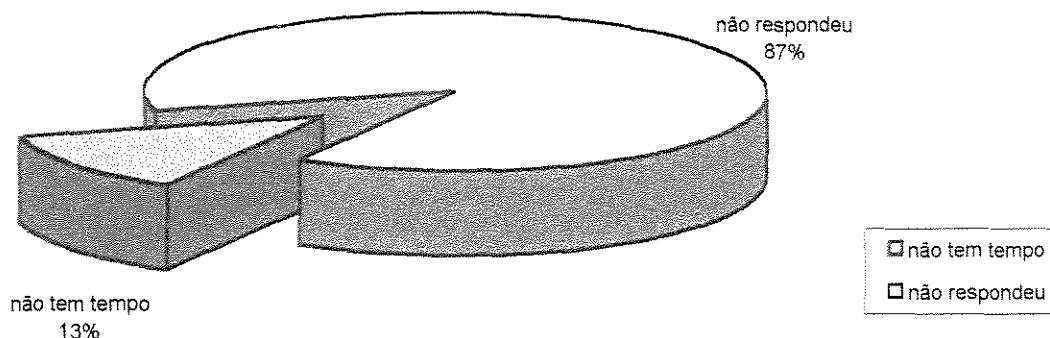
Um destaque especial para o “jogo” deve ser dado, pelo fato de ser um recurso da atividade escolar que, certamente, passou pela processo como um elemento novo, enquanto que a corrida e a caminhada sempre foram atividades que não dependiam da escola para serem aprendidas como práticas físicas esportivas.

GRÁFICO 14 - Lugares em que poderiam aprender sobre as atividades.



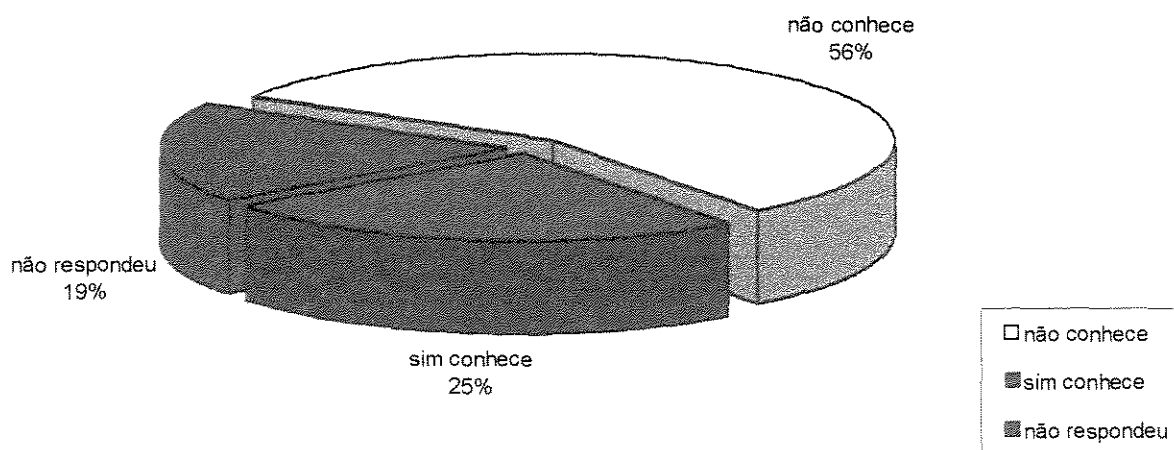
Este gráfico mostra que outras instituições também colaboraram com os ex-alunos na oportunidade de vivenciarem atividades das quais hoje se utilizam, em colaboração com a instituição formal da escola, influenciando na aquisição da cultura de práticas esportivas dos alunos. 38% dos alunos se referiram à relação da “escola com o clube”, lembrando que no gráfico número três esta relação mostrou a importância das instituições referentes a seus valores educacionais frente ao momento sócio cultural vivido na época. Apenas 6% se referiram à “academia” junto com a escola e o clube, e outros 6% se referiram ao clube isoladamente.

GRÁFICO 15 - Por que não pratica?



Das razões apresentadas para justificar a ausência atual da prática de atividades físicas, este gráfico mostra que 87% não indicaram nenhuma razão de não praticar, portanto isso pode ser interpretado como sendo praticantes. Apenas 13% representado por dois sujeitos apontaram a “falta de tempo” para as atividades físicas. Portanto a “falta de tempo” foi o único argumento apresentado por uma pequena minoria.

GRÁFICO 16 - Alternativas para desenvolver o lazer físico-esportivo.



Perguntado se conheciam diferentes alternativas de atividades para desenvolver o "lazer físico esportivo", 25% dos ex-alunos responderam que conhecem alternativas e 19% não respondeu. A expressão “lazer físico esportivo” pode ter deixado alguma dúvida no momento da resposta.

3ª Fase

Análise dos dados.

Como 3ª fase do estudo, é apresentado o resultado que se conseguiu através das outras fases, mais o cruzamento com os dados obtidos da análise das respostas dos questionários, o que permitiu algumas considerações a respeito do estudo de caso realizado. Assim, visando possibilitar esse cruzamento, apresentamos a análise descritiva dos questionários aplicados junto aos ex-alunos.

Através deste instrumento de coleta de dados, foi possível verificar pontos interessantes para este estudo.

Do universo de ex-alunos que responderam o questionário, 94% participaram das aulas de Educação Física Escolar desenvolvidas no Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, mas também participavam de atividades fora das aulas de Educação Física. Contudo, a própria escola acabava sendo o principal local dessas práticas.

Em alguns casos, essas práticas desenvolvidas no âmbito da escola eram ora em aulas de Educação Física e ora em outras atividades como práticas esportivas de treinamento orientadas pelo professor de Educação Física da escola. Em alguns casos, os alunos participavam de clubes e, também, na rua, que era uma pequena minoria.

Fato importante é que os clubes, na ocasião, ainda não contavam com a organização de “escolinhas” de esporte de forma sistematizada como se observa hoje, e, assim, as atividades ali desenvolvidas eram organizadas pelos frequentadores sem nenhum tipo de orientação profissional. A rua servia somente de lugar para criação e aventuras.

Segundo dados do questionário, eram desenvolvidas duas sessões de Educação Física, semanalmente, sendo aprendidos conteúdos como fundamentos práticos, teóricos e de jogos, sempre com orientação do professor.

Além dos conteúdos específicos da prática das atividades físicas, desenvolvidas em forma de modalidades esportivas, o professor apresentava outros conteúdos com uma certa combinação como propósito da aula, beneficiando os alunos com conceitos de

higiene e saúde, socorros de urgência em contusões esportivas, formas de obtenção de condicionamento físico e informações sobre lazer.

Por esta observação, percebe-se que o professor sempre procurou abordar questões relativas à higiene e saúde, graças a elementos de uma ideologia higienista da disciplina que, de certa forma, mantinha elementos da classe médica como traços dessa antiga cultura. Essa categoria de conteúdos foi desenvolvida e destacada por 49% dos respondentes.

O gráfico nº 9 mostrou que 62% dos pesquisados consideram que houve uma orientação para o desenvolvimento de práticas fora das aulas de Educação Física oficiais e, portanto, estes dados indicam ter havido orientação para essas atividades, as quais são elementos fundamentais para a estruturação da educação para o tempo livre.

Quanto às orientações procedidas para as atividades de tempo livre, fora da aula de Educação Física, encontramos o oferecimento de informações teóricas e práticas, número de aulas na semana, tipo de atividades e efeitos a serem observados, como itens mais abordados.

Os ex-alunos pesquisados indicaram que ainda praticam atividades físicas e os exercícios ensinados naquela época são os mais utilizados, sendo que o valor cultural do esporte oferecido com grande ênfase na escola, também hoje, faz parte da preocupação dos respondentes, que indicaram ainda que o esporte foi praticado na fase de participação no curso superior.

Pelo gráfico nº 12, fica evidenciado que a Educação Física Escolar daquela época conseguiu criar hábitos na juventude, pois 75% dos ex-alunos responderam que ainda praticam atividade física, sendo que: a caminhada é desenvolvida por 44% dos alunos; e 26% jogam ou correm; mas, é o jogo que, associado a outras atividades, perfaz um universo de 35 %, talvez devido a sua capacidade de sociabilizar. Essa atividade, geralmente era muito desenvolvida na escola.

Além dos conhecimentos obtidos através das aulas de Educação Física Escolar, alguns ex-alunos declararam que a relação escola/clube foi a que mais os levou a praticar atividades físicas, devido principalmente aos valores sócio-culturais vividos na época.

Dentre o universo dos 25% de ex-alunos que não praticam atividades físicas, todos declararam que não o fazem não por falta de conhecimento ou interesse, mas devido à falta de tempo.

Ao procurar entender se os ex-alunos ofereciam alguma contribuição, ou mesmo, se possuíam algum conhecimento recentemente adquirido sobre as condições de participação em atividades de lazer, somente uma minoria de 25% respondeu que conhecem alternativas e 19 % deixaram de responder, talvez levados pela dúvida e desconhecimento do sentido da expressão “lazer físico-esportivo”.

Algumas considerações.

Nesta parte da pesquisa o que se pode constatar é que a Educação Física Escolar, desenvolvida no Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas no período de 1955 a 1965, foi devidamente planejada e bem desenvolvida, buscando atingir o objetivo de informar, transmitir e criar hábitos de cultura físico-esportiva nos seus alunos.

A fala do professor Stucchi, corroborada pelas respostas do ex-aluno em entrevista piloto, serviu de base orientadora do questionário aplicado a todo o universo pesquisado, e assim, como a dos ex-alunos respondentes, indicou a existência de conteúdos formativos e orientadores de suas futuras participações em atividades físicas e esportivas.

A ênfase dada aos conteúdos ligados às questões higiênicas e de cuidados com a saúde foi ponto forte e importante na formação oferecida, o que, complementada com os conteúdos sócio-culturais, acabou favorecendo aquele contingente de pessoas no desenvolvimento de práticas de jogos e demais atividades em seus momentos de lazer.

Ficou também evidenciado, principalmente pelo gráfico 16, que a terminologia “lazer físico-esportivo”, apesar de não ser realidade na época, acabou sendo assumida como prática em momentos de tempo livre, que em nada deixou de ser aplicada como o percebemos hoje.

Portanto, consideramos que, no caso dos ex-alunos do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, o desenvolvimento de uma cultura sócio-esportiva que lhes permitiu a participação em atividades de tempo livre, hoje vista como de lazer físico-

esportivo, é o resultado de uma atividade programada de Educação Física Escolar, desencadeada a partir de conceitos higiênicos e de saúde, passando por conteúdos físicos e de jogos esportivos, o que permitiu a construção de um entendimento da função social da prática esportiva.

CONCLUSÃO

O estudo, na forma em que foi desenvolvido, com a preocupação de verificar se a prática de atividades físicas observadas no nosso cotidiano é fruto de conhecimentos e conteúdos oriundos do âmbito da Educação Física Escolar, utilizou, para essa finalidade, a metodologia de estudo de caso sobre essa disciplina Educação Física e como ela foi realizada, no período de 1955 a 1965, no Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas.

Assim, foram considerados relevantes os estudos sobre os diferentes conceitos envolvidos, como lazer, escola, educação física escolar e lazer físico-esportivo, o que levou a que se procurasse obter dados mais representativos sobre esse determinado caso, pois os sujeitos da pesquisa, observados durante a utilização da prática das atividades físicas, eram todos egressos da mesma instituição escolar.

Após observação focal sobre a Educação Física Escolar desenvolvida nessa instituição, da qual foram levantadas, através de entrevistas, as características de atuação do professor responsável e de um dos ex-alunos, que se dispôs a intervir como contribuinte e depois de uma análise documental efetuada no programa formal da disciplina dessa escola, posteriormente estas características foram comparadas com o resultado dos questionários exploratórios que foram aplicados nos ex-alunos que ali vivenciaram a disciplina, sendo assim possível apresentar as seguintes conclusões:

- que a instância ideal para o desenvolvimento de um conteúdo que leve a obtenção de uma cultura esportiva é a Educação Física Escolar, pois, além dessa cultura específica ainda fornece o sentido sócio-participativo nos indivíduos, dentro de uma instituição que ainda é considerada de grande relevância pela sociedade, a Escola.

- que é seguro declarar que o programa de Educação Física Escolar vivenciado no Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, mesmo que sem entrar na definição das intenções e conceitos explícitos, acabou por desenvolver em seus ex-alunos uma cultura de utilização de tempos livres através de atividades físico-esportivas.

Ainda também, este estudo traduziu algumas expressões que são parte do vocabulário tanto dos ex-alunos como da sociedade de modo geral. Expressões como “faço por fazer”; “tempo livre”; “pratico nas hora vagas”; “quando estou desocupado”; “quando não tenho nada para fazer”. Sob o significado desses termos, todos haviam feito uma opção de adoção do lazer físico-esportivo devido à cultura sócio-esportiva adquirida na participação da Educação Física Escolar, sem nunca esquecer do prazer corporal vivenciado da escola pelos alunos, o que guardaram como experiência positiva em suas vidas.

Também podemos chegar a sugerir que a Educação Física Escolar, no lugar do adestramento do corpo que se vem observando, deveria passar ou retornar à busca de orientar os indivíduos para a obtenção de uma consciência corporal e das atividades físico-esportivas que permitam a sua utilização em situação de lazer físico-esportivo, levando a sociedade do stress e das condições contrárias, à consecução de uma melhor qualidade de vida.

Finalmente, este estudo deverá contribuir, pelo resultado apresentado, para que os profissionais de Educação Física passem a desenvolver, no âmbito da escola, conteúdos teóricos e práticos que possibilitem à sociedade a aquisição de uma cultura sócio-esportiva que permita uma melhor adequação da utilização de atividades físico-esportivas em seus momentos de lazer.

A história que é contada neste trabalho passa por alguns momentos que mostram diferentes fases do processo evolutivo dentro de uma instituição escolar. Principalmente quanto a educação física, onde nossa realidade sócio política nesta área de conhecimento, passou por momento de grande significado. A chegada do professor Pedro Stucchi Sobrinho, como único professor da disciplina no colégio, abarcando para si toda a responsabilidade daquela revolução sócio cultural acadêmica, transformou toda uma prática, adequando-a às necessidades da conjuntura da época. Sua colaboração no

processo encontrou e venceu momentos de grandes indefinições e interferências. Realizou grande trabalho e trouxe grandes benefícios a seus personagens, retratados na figura dos alunos, professores e funcionários daquela instituição sócio educativa.

Todas as pessoas que tiveram oportunidade de estar dentro daquela escola e agora como ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários, relembram períodos de sua formação e de seu trabalho, com muito prazer. Casos que aconteceram nos momentos de trabalho escolar, nos eventos cívicos que a escola organizava e promovia e também fora do ambiente acadêmico, sempre envolvidos com muita amizade adquirida pela condição de parceiros de sala de aula, dos pátios de recreio masculino e feminino, nos intervalos de aula, das salas da diretoria e dos professores e nos laboratórios didáticos.

Todos os ex-alunos do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas fazem questão de rememorar esse período. Sempre é motivo de muito orgulho e de muita satisfação, constatar a oportunidade que tiveram em adquirir conhecimentos gerais, como resultado do trabalho docente de alta capacidade. Este fato pode relacionar o conhecimento adquirido naquela época, com o momento configurado numa cultura que hoje se observa como produto, trabalho e tempo livre.

Mesmo considerando momentos de interferência política desfavorável para o processo de educação no país, os depoimentos desses ex-alunos, que foram utilizados para essa pesquisa, refletiu a existência de um colégio que, fazendo uma analogia com um “jardim”, foi um lugar de “terra boa”, recebeu sementes a serem germinadas. Neste sentido, uma escola que mantinha um equilíbrio perfeito entre o ambiente social em que se situava, realizando boa parceria com a comunidade, (logicamente adequada à realidade da época) e a estrutura acadêmica administrativa de seu corpo docente e de funcionários que, pelos depoimentos e relatos de seus alunos, mantinham uma convivência humana intensa e profissional no plantio das sementes, na manutenção e formação de todos os tipos de flores com as mais variadas formas, aromas e cores que germinaram daquele processo e que, hoje, se mostram seguramente enraizados na sociedade, como resultado de uma boa escola.

Com este exemplo, queremos mostrar a importância de se conseguir bons frutos, através de bom plantio, em boa terra, num jardim-escola organizado. Uma escola que

ajude a formar, junto às outras instituições sociais, pessoas de bons princípios morais e sociais, cidadãos éticos e seguros de seus gostos, valores e escolhas para a vida, nos períodos de trabalho e nos momentos de lazer de plena realização.

Os professores como personagens daquele processo, acreditavam na educação e nos conteúdos que trabalhavam. As ferramentas que usavam, e especialmente para esta pesquisa, o professor de Educação Física, Pedro Stucchi Sobrinho que, com “boa terra”, plantou sementes que germinaram excelentes frutos. Hoje podemos observá-los em movimento e ouvi-los por suas realizações sociais e pessoais.

O “Culto à Ciência” é referendado por todos os seus ex-alunos como um lugar de grandes realizações no âmbito social e acadêmico. Sua história é muito recente dentro do contexto brasileiro, cento e vinte cinco anos é um tempo relativamente pequeno em comparação ao desenvolvimento sócio cultural brasileiro no contexto mundial.

Utilizando uma monografia histórica escrita sobre o colégio, na década de quarenta, seu autor Carlos F. de Paula, (1946, p.73) ao final de seu trabalho retrata um pouco do conceito e da reputação de seu corpo docente. *“Fazendo um rápido retrospecto de tudo quanto fica relatado, se infere, sem falsa lisonja, que o corpo docente do antigo colégio Culto à Ciência, do Ginásio e atualmente do Colégio Estadual de Campinas, foi sempre constituído, em sua grande maioria, por professores de notáveis qualidades morais e intelectuais. Muitos deles reuniam predicados invulgares, consagrando ao ensino da matéria que lhes pertencia a máxima dedicação e todo o fulgor de sua inteligência”*.

Assim como este, muitos outros fatos vêm reforçar a pretensão deste trabalho, de mostrar que a disciplina responsável pela educação do movimento corporal dos ex-alunos, cumpriu a tarefa de os instrumentalizar para a vida e, principalmente, para os momentos de tempo livre com a utilização de todo o conhecimento transmitido através das aulas onde os esportes tiveram grande importância.

ANEXO

Pesquisa

O objetivo da presente pesquisa é verificar se os conteúdos desenvolvidos na Educação Física Escolar, praticada no período de frequência no curso ginásial, hoje 1º grau ou ensino fundamental, são capazes de sustentar a sua prática de atividades físicas nos momentos de lazer.

Essa prática, hoje, é considerada como "Lazer Físico Esportivo", e entende-se que essa cultura deva ser o resultado de uma "Educação Física Escolar", desenvolvida com consciência, seriedade e conteúdos possíveis de serem utilizados futuramente pelos alunos.

Esta pesquisa é parte de um projeto de Tese de Doutorado que vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Doutorado em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Unicamp, nos departamentos de "Educação Motora" e "Estudos do Lazer".

O candidato e o orientador agradecem
pela sua colaboração.

Questionário

1. Onde e quando você cursou o "ginásio" (1º grau)

Escola _____

Ano _____

2. Durante o período de "ginásio" você participou das aulas de Educação Física?

☐ sim ☐ não código _____

Porque? _____

3. Além da Educação Física Escolar você praticava alguma outra atividade física?

☐ sim ☐ não código _____

Se praticou, onde?

☐ no clube ☐ na rua ☐ a própria escola fora das aulas código _____

4. As atividades fora do ambiente escolar eram dirigidas por professor de Educação Física?

☐ sim ☐ não código _____

5. Você se recorda de como eram as aulas de Educação Física Escolar?

☐ vezes por semana ☐ exercícios ☐ jogos

☐ práticas ☐ teóricas ☐ com orientação do professor código _____

*pode assinalar mais de uma alternativa.

6. O professor ensinava conteúdos além dos esportes? Quais?

☐ sim ☐ não código _____

☐ sociais ☐ políticos ☐ socorros ☐ higiênicos

☐ de lazer ☐ condicionamento físico código _____

*pode assinalar mais de uma alternativa.

7. Você recebia orientação, na Educação Física Escolar, de como praticar as atividades físicas, fora da aula?

☐ sim ☐ não código _____

8. Se recebeu, quais eram as orientações?

☐ teóricas ☐ práticas ☐ as causas ☐ os efeitos

☐ numero de vezes ideal ☐ que tipo de atividade fazer código_____

9. Depois do período de estudos no "colégio", você continuou a praticar atividades físicas?

☐ as mesmas dadas no colégio ☐ na faculdade

☐ esporte ☐ exercícios código_____

10. Atualmente você pratica atividades físicas?

☐ sim ☐ não código_____

Se sim, responda as questões 11/12/13

Se não, responda a questão 14

11. Se sim, que atividades desenvolve?

☐ corre ☐ joga ☐ anda ☐ outros código_____

12. Porque? _____

13. Onde aprendeu sobre as atividades?

☐ na escola ☐ no clube ☐ na academia código_____

14. Por que não pratica?

☐ não sabe ☐ não gosta ☐ não tem tempo ☐ outros código_____

15. Conhece as diferentes alternativas para desenvolver o "lazer físico esportivo"?

☐ sim ☐ não código_____

Se sim, cite alguma. _____ -

BIBLIOGRAFIA

Associação dos professores de educação física de São Paulo. Departamento técnico
- Vulgarização da educação esportiva. Apostila de curso técnico (1957) autor
August Listello, tradução de Francisco Pereira da Silva.

AYOUB, E. Interesses físicos no lazer, como área de intervenção da Educação Física. Campinas, 1993. 154p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1993.

BACAL, S.S. Lazer: teoria e pesquisa. São Paulo : Loyola, 1988.

BAENINGER, R. Espaço e tempo em Campinas. Campinas: Centro de Memória : Unicamp, 1996.

BENTO, J. O. Para uma delimitação do rendimento esportivo. Revista Brasileira de Ciência do Movimento, São Caetano do Sul, v.3, nº4, p.7-15, 1989.

BETTI, M. Educação Física e sociedade. São Paulo : Movimento, 1991.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Belo Horizonte, v.1, nº1, p.9, 1998.

BRUYNE, P., HERMEN, J., SCHOUTHEETE, M. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais, Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1991.

CAGIGAL, J. M. Sugestões para Educação Física na década de sessenta: 3ª parte, Revista Brasileira de Educação Física, Brasília, v. 6, nº 23, p. ,1974.

CAMARGO, L.O. L. O que é Lazer. São Paulo : Brasiliense, 1986.

CARVALHO, A. M. de. Cultura física e desenvolvimento. Lisboa : Compendium, 1973.

CASTELLANI FILHO, L. A Educação Física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxo e perspectivas. Campinas, 1999. Dissertação (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, 1999.

COSTA, L. P. Educação Física e esportes não formais. São Paulo : Ao Livro Técnico, 1988.

_____. O amanhecer do terceiro milênio: perspectivas para o lazer e o tempo livre. CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER, 5., 1998. São Paulo. Anais. São Paulo : SESC, 1998.

DUMAZEDIER, J. Sociologia empírica do lazer. São Paulo : Perspectiva, 1979.

DUMAZEDIER, J., BAQUET, M. et al. Olhares novos sobre o desporto. Lisboa : Compendium, 1980.

_____. A teoria sociológica da decisão. São Paulo : Biblioteca Científica : SESC, 1980 (Série Lazer).

_____. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo : SESC, 1980.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FRENTE À LDB E AOS PCNs

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE (Org.) - Ijuí : Sedigraf, 1997. - 141 p.

FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro. Paulo : Scipione, 1989.

GELPI, E. Lazer e educação permanente. São Paulo : Biblioteca Científica, 1983.
(Série Lazer)

GOODE, E.& HATT, K. Métodos em pesquisa social. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1968.

HUIZINGA, J. Homo ludens. São Paulo : Ed. da USP, 1971.

LAFARGUE, P. O direito à preguiça. 3. Ed. São Paulo : Kairós, 1983.

LEGISLAÇÃO de Educação Física/desportos (1851 - 1979). (online). Available :
<http://www.cev.org.br/biblioteca/>

LIMA, L. O. O enfant sauvage de Illich numa sociedade sem escolas. Rio de Janeiro : Cosmovisão : Vozes, 1975.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo : E.P.U., 1986.

MARCELLINO, N. C. Lazer e educação. Campinas : Papirus, 1987.

_____. Lazer: sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.12, nº 1/3 p.314, 1992.

_____. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas : Autores Associados, 1996.

MASI, D. de. Em busca do ócio: reflexões para o futuro. Revista Veja, 25 anos, 1993.

MEDINA, J. P. S. A Educação Física cuida do corpo... e “mente”. Campinas : Papirus, 1983.

MOREIRA, W. W. Educação Física escolar: a busca da relevância. In PICOLLO, V. L. N. (org.) Educação Física escolar: ser...ou não ter. Campinas, Papirus, 1993.

MORAES, R. O que é ensinar. São Paulo : EDU, 1986.

_____. Cultura brasileira e educação. Campinas : Papirus, 1989.

NISBERT, J. & WATT, K. Case study.readguide26: guide1 educational research; Univercity of Nothingan school of education, 1978.

NISTA-PICCOLO, V. L. Educação Física escolar: Ser...ou não ter? Campinas : Ed. da Unicamp, 1993.

ORLICK, T. Vencendo a competição. São Paulo : Acropolis Books, 1978.

PAULA, C.F. de Culto à Ciência. Colégio - Ginásio e Colégio Estadual. Monografia histórica, Campinas, 1946.

PELEGRINOTTI, I. L. Educação Física no segundo grau: novas perspectivas? In PICOLLO, V.L.N. (org.) Educação Física escolar: ser...ou não ter. Campinas, Papirus, 1993.

RAMOS, M. P. Educação Física escolar: o lado oculto das ausências às aulas. Campinas, 1993. 144p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1993.

RASCH, Philip J., BURKE, R. K. Cinesiologia e anatomia aplicada. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 1977.

REQUIXA, R. Sugestões e diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo : SESC, 1980.

_____. O Lazer nas grandes cidades. documento I. Cadernos de Lazer, São Paulo, 1982.

RIBEIRO, O. C. F. A influência dos agentes sociais nos interesses físico-esportivos do lazer. Campinas, 1997. 77p. Campinas, Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1997.

ROCHA FERREIRA, M. B. A cultura esportiva no espaço de expressão da língua portuguesa. Anais - Mesa redonda do 7º Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos países de língua portuguesa. Florianópolis, 1999, pp.132-139.

ROLIM, L. C. Educação e lazer. São Paulo : Ática, 1989.

SEVERINO, A J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo : 12ª Ed. Cortez 1985.

SÉRGIO, M. A prática e a Educação Física. Lisboa : Compedium, 1978.

SNYDERS, G. A alegria na escola. São Paulo : Manole, 1988.

SOARES, C. L. et al. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo : Cortez, 1993.

SOARES, C. L. Educação Física: raízes européias no Brasil. São Paulo : Autores Associados, 1994.

TOJAL, J. B. A. G. Currículo de graduação em Educação Física. a busca de um modelo. Campinas : Ed. da Unicamp, 1989.

TRIVINUS, A. N. S. Introdução a pesquisa em ciências sociais. São Paulo : Atlas, 1992.

VEIGA, I. P. A. Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas : Papirus, 1995.

WAICHMAN, P. Tempo livre e recreação. Campinas : Parirus, 1997.